

VASCO MC MARTINS

# O Salto

O JORNAL DOS TRABALHADORES PORTUGUESES EMIGRADOS

LE JOURNAL DES TRAVAILLEURS PORTUGAIS IMMIGRES - B.P. 95 - 75 522 PARIS CEDEX 11 - C.C.P. 562 685 - MENSUEL - 1 DM - 1 FI - 10 FB - 1 F

## Editorial

### Os I Jogos Florais foram um êxito. Os segundos serão melhores.

Os I Jogos Florais Portugueses na emigração que se realizaram nos passados dias 9, 10 e 11 de Junho em Vincennes, Paris, foram uma demonstração cabal da força que já tomou na emigração o movimento associativo independente, democrático e popular.

Pondo em prática a orientação traçada na 2. Reunião Inter-Associações, o Movimento dos Trabalhadores Portugueses Emigrados fez destes I Jogos a mais poderosa manifestação de apoio à luta popular em Portugal jamais realizada na emigração.

Através das peças de teatro, da música e da canção, de exposições, os artistas populares exprimiram as aspirações do povo português emigrado por um Portugal novo donde os trabalhadores não sejam obrigados a emigrar.

Os I Jogos Florais contribuíram poderosamente para a vitória sobre a influência da ideologia capitalista (fascista ou «democrática») sobre as massas. Eles incentivaram a criação artística nas associações, elevaram o nível dessa criação e puseram-na à prova. Se de todas as frentes em que luta o MTPE para cumprir o seu programa, a cultural foi a que tomou maior relevo durante os Jogos, as outras também se manifestaram.

Nos Jogos Florais os trabalhadores emigrados apresentaram as

suas reivindicações específicas: igualdade de direitos, luta contra o controle da emigração, etc, através de expositores com a inscrição de palavras de ordem e slogans e de obras literárias e artísticas.

Com os Jogos o MTPE deu um primeiro passo importante

Continua na p.10

## Carnaval em Outubro...

Três pancadas, abre-se o pano, vai começar o espectáculo!

De um lado do palco, estão antigos combatentes da guerra colonial, os grandes banqueiros, os senhores da terra e donos das fábricas, os legionários, os fascistas da mocidade portuguesa, os majores e os coronéis, os doutores colaboracionistas da administração fascista, os senhores professores directores de não sei quê, os excelências disto e daquilo, e ainda os guardas republicanos, os

polícias, os bufos, os pides e outros que tais que prestam guarda de honra aos primeiros. Braço direito estendido em frente, mão espalmada, perfilados, fazem a saudação nazi. Ostentam convivamente um estandarte onde se lê o título pomposo: «ACÇÃO NACIONAL POPULAR».

Do outro lado do palco, acotovelam-se e bichanam uns com os outros engenheiros, médicos, arquitectos, economistas, advogados, técnicos das mais variadas

ciências, artistas, escritores, professores, empregados de escritório, jornalistas e locutores mas também donos de fábricas (mais pequenas) e terras, padres e ainda um ou outro jovem, inexperiente ou partidário de reformas. Numa bandeirola meio encoberta, parecendo que é levantada a medo, lá se consegue ler a frase mágica «OPOSIÇÃO DEMOCRÁTICA».

À frente do palco, protegendo

Continua na p.10

## GRANDE FESTA POPULAR EM VINCENNES

São 7 horas desta tarde quente, 9 de Junho de 1973! O tempo enovado contrasta flagrantemente com as perspectivas brilhantes que o dia de hoje abre ao Movimento Associativo Democrático, Popular e Independente dos trabalhadores portugueses emigrados! Perspectivas brilhantes porquê? Porque tiveram início há momentos os I Jogos Florais Portugueses na emigração, essa grande festa de confraternização e de defesa da cultura popular que se prolongará até depois de amanhã. De confraternização, sim, entre os milhares de trabalhadores portugueses vindos de todos os pontos da Europa e os trabalhadores de outras nacionalidades que aqui acorrem, de defesa da cultura popular, também, porque os artistas populares, há já provas disso, souberam romper com as barreiras de arame farpado com que a cultura burguesa em geral, e o fascismo obscurantista em particular, procuram mistificar a realidade e conter a força criadora do povo!

Ainda se ouviam os ecos das últimas marteladas e as vozes altas e animadas dos colaboradores das associações e das organizações presentes que davam os derradeiros retoques nos seus pavilhões, quando se fez ouvir, abafando tudo e espalhando-se por todo o recinto, o som poderoso dos alti-falantes que anunciavam os locais e as horas das várias realizações culturais que hoje têm lugar às centenas e centenas de trabalhadores que transpunham os portões já abertos da Cartoucherie. Logo de seguida irromperam praça fora, difundidos pela instalação sonora, os coros vibrantes do exército vermelho soviético e a música revolucionária chinesa. E essa música empolgante acrescida da actividade multiplicada nos pavilhões onde se corria de um lado para o outro, afanosamente, ou ageitando pela vigéssima vez a disposição daquela publicação,

ou recolocando um pouco melhor ainda este painel, ou dando uma varridela mais no local, eu sei lá ..., e toda essa agitação ajuntada ao entusiasmo dos presentes, cedo forjaram um ambiente magnífico onde se entrelaçavam em perfeita harmonia

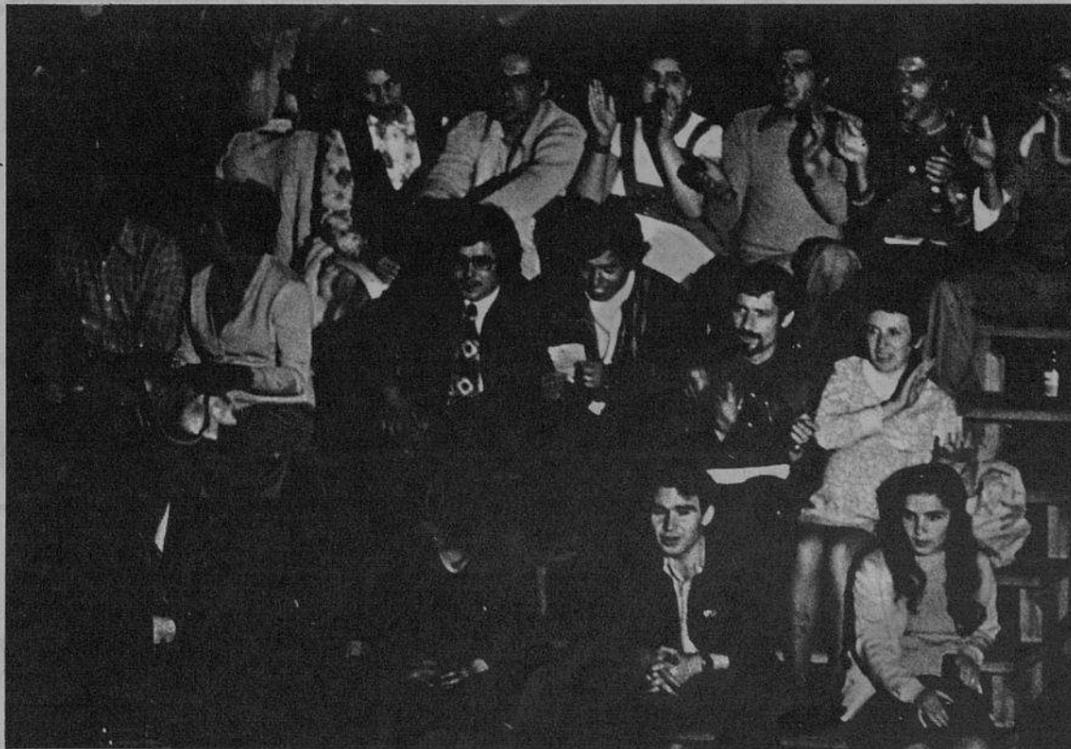
a paixão e o interesse, a confraternização, a alegria.

Era o começo da festa! Era o desabrochar da bela obra que a vontade e o engenho dos trabalhadores portugueses emigrados construíram!

Camaradas! Podemos asse-

gurar-vos que foram dias inesquecíveis estes que passámos nesta última semana! Com a chegada dos colaboradores das associações espalhadas por toda a Europa, estes locais da Cartoucherie de Vincennes foram-se

Continua na p. 9



Um aspecto dos I Jogos Florais Portugueses

### Entrevista com Vasco Cabral

ver p.11

### O SALTO

56, rue de la Fontaine-au-Roi  
75011 PARIS  
Metro Goncourt

#### Horas de abertura

2ª feira das 16h às 22h 30  
Sábado das 16h às 20h

Secção Social  
Vendas  
Redacção  
Secretaria

## 2.ª RIA: Uma prova de força

Os 3 dias de Melun foram o ponto culminante de um ano associativo rico de ensinamentos extraídos do nosso trabalho quotidiano. O combate intransigente que as associações integradas no seio do Movimento dos Trabalhadores Portugueses Emigrados (MTPE) moveram aos agentes do fascismo na emigração (Bancos e Consulados) deu os seus frutos.

Hoje, como o demonstram as conclusões de Melun e o Programa

do MTPE para o ano de 1973/74, a nossa luta passa a uma fase superior. Definindo como objectivos principais a luta por associações independentes, democráticas e populares, pela defesa e o desenvolvimento da cultura e desporto popular, pelo apoio à luta popular em Portugal e a luta pela salvaguarda e reforço do internacionalismo, as associações tomaram a decisão histórica de fecharem uma vez para sempre

as suas portas aos opressores e exploradores do povo português emigrado.

Só a aplicação correcta das conclusões fundamentais da 2ª Reunião Inter-Associações poder-nos-á conduzir a curto tempo à nossa meta principal: a União dos Trabalhadores Portugueses Emigrados.

(Ver na pág. 12 o relato dos trabalhos e conclusões da 2ª RIA).

## CHECOSLOVÁQUIA E HUNGRIA

## Moda, alcoolismo e música yé-yé

A restauração do capitalismo em alguns países que outrora foram baluartes do poder dos trabalhadores, manifesta-se quotidianamente nos mais diversos aspectos da vida social, económica e política.

Eis três exemplos flagrantes da degenerescência nos países de capitalismo restaurado.

A Checoslováquia brinda-nos com um festival de música

«yé-yé» em que participaram a Bulgária, Cuba, República Democrática Alemã, Hungria, Polónia, Roménia, União Soviética, Jugoslávia e a Checoslováquia. A Mongólia enviou observadores!

A nova burguesia do país organizador e dos países participantes estão pois de «parabéns». De uma «assentada» mostram aos trabalhadores de todo o mundo como estão empenhados em riva-

lizar com o velho mundo capitalista no capítulo da «arte» decadente.

Continuando ainda na Checoslováquia, passemos ao alcoolismo. Segundo o jornal oficial «Rude Pravo» este país partilha com a República Federal Alemã o primeiro lugar no consumo de cerveja europeu com 135 a 140 litros por ano e por habitante, «batendo» a Bélgica, o Luxemburgo, a Dinamarca e a Grã-Bretanha.

Mas o «Rude Pravo» ainda diz mais: em 1971 os checoslovacos gastaram 18 biliões de coroas no consumo de outras bebidas alcoólicas para além de cerveja. O alcool causou mil divórcios em 1971, ou seja um divórcio em cada sete casamentos.

Nesse mesmo ano, sempre segundo o citado jornal, 29% das pessoas presas por delitos comuns estavam ébrias e o número das pessoas processadas por conduzirem em estado de embriaguez aumentou de 41%.

Para terminar este panorama putrefacto o mesmo jornal afirma que nos últimos 15 anos o total de mortes por cirroses duplicou nas mulheres e triplicou nos homens.

A nova burguesia no poder na Checoslováquia é pois tão criminosa como a que nos oprime no velho mundo capitalista em que vivemos. O alcool, que deve ser banido, é fomentado! O que lhes interessa é o negócio, a saúde do povo é secundária ...!

Por seu lado a burguesia que usurpou o poder na Hungria expõe-se nas ruas de Londres.

Na fotografia que acompanha este artigo, os leitores podem observar o espelho da sociedade húngara — três manequins húngaras que foram enviados a Londres para fazer propaganda dos produtos têxteis daquele país!

Como qualquer país capitalista os novos opressores do povo húngaro arranjam umas «belezas», põem-nas em mini-saia, e passeiam-nas em seguida nos seus salões mundanos.

A classe operária da Checoslováquia e da Hungria, países que no passado edificavam o socialismo e defendiam o internacionalismo proletário nas suas relações com os outros povos do mundo, saberão reconquistar o poder de Estado que lhes foi usurpado pelos falsos amigos dos povos

nacional a favor destes dois heróicos combatentes da causa da liberdade.

1. Ver O Salto nº 2.

FAZ-TE  
ASSINANTE  
DE  
O Salto



Uma prova da degenerescência moral dos países de capitalismo restaurado

## ESPAÑA

ANTIFASCISTAS  
AMEAÇADOS  
DE PENA DE MORTE

Nos primeiros dias do mês de Maio os fascistas espanhóis, têm levado a cabo em todo o país uma grande vaga repressiva.

Na manifestação do 12 de Maio nas ruas de Madrid os antifascistas bateram-se valentemente com as forças repressivas chegando mesmo a executar um dos esbirros.

O caduco regime de Franco, ousa agora ameaçar de pena de morte dois antifascistas catalães, Carlos Sole, motorista, e Ramos Lopez, operário textil.

O Tribunal Militar fascista pede para eles a pena de morte, preparando assim um novo processo de Burgos<sup>1</sup>. Para fazer recuar o governo franquista que oprime do povo espanhol e outras minorias nacionais é necessário que apoiemos todas as manifestações de solidariedade inter-

## BÉLGICA

## Greve dos estivadores

Iniciada a 9 de Abril último, a greve dos portuários de Antuérpia mantém-se ainda na data em que redigimos esta notícia.

Os sindicatos amarelos e o chamado Partido Comunista Belga propunham aos operários uma greve de 24 horas, mas os portuários decidiram fazer uma greve ilimitada até que as suas reivindicações de aumento de 100 FB de salário por dia e o pagamento do 13º mês completo e igual para todos fossem satisfeitas. «Os baixos salários, explicam os portuários, obrigam-nos a fazer em duas equipas, o trabalho ao sábado e ao domingo. Neste momento há poucos homens por equipa para um barco. Este sistema provoca por um lado um grande cansaço e muitos acidentes de trabalho: num ano houve 3 400 acidentes sendo 15 mortais; e por outro lado favorece a divisão e o arbítrio total dos patrões sobre os operários».

Os sindicatos e os partidos reformistas immanados pela mesma traição à classe operária, têm feito tudo para acabar com a greve e dividir os portuários.

Os sindicatos amarelos pelo seu lado caluniam os grevistas e chamam a polícia da burguesia a que pertencem para defender o seu «palácio» sindical, e o chamado Partido Comunista Belga, travou o movimento no seu início tentando, depois, recuperá-lo. Como resposta aos sindicatos os trabalhadores fortificaram a sua união manifestaram-se já por várias vezes no centro da cidade, tendo numa dessas manifestações empunhado um grande boneco

de pano representando um delegado do sindicato FGTB enforcado. Diante da sede do sindicato os grevistas têm manifestado repetidas vezes e demonstrado implacável ódio aos dirigentes que traem a sua luta.

Quanto às manobras do Partido que usa abusivamente o nome de comunista, os portuários têm ao longo da luta sabido tratar os seus responsáveis como verdadeiros traidores à classe operária.

Mas os operários não só têm resistido aos traidores infiltrados no seu seio como se têm batido tenazmente com a polícia.

Assim, os combates de rua com a polícia têm sido numerosos e regulares chegando as forças da repressão belgas a usar armas de fogo na segunda-feira 14 de Maio. Numerosas prisões têm sido efectuadas principalmente entre os membros do Comité de Greve e de organizações operárias.

Um grande movimento de solidariedade desenvolve-se em toda a Bélgica, sendo a assinalar paragens de trabalho nas minas de Limburgo e outras zonas industriais.

Para continuar a sua valorosa luta contra a exploração capitalista e os traidores que a sabotam, os portuários de Antuérpia enviaram muito recentemente a Roterdão e Amsterdão uma delegação para que os seus camaradas naqueles dois portos da Holanda se recusassem a descarregar os barcos imobilizados em Antuérpia.

## SUÉCIA

## Nova polícia social-democrata

A revista «Povo em Imagens — Frente Cultural» publicou recentemente um detalhado relato, fruto do trabalho de um ano de inquérito sobre a CIA sueca, que tem o nome de «Bureau» de Informações. Esta polícia secreta que foi formada em 1964 é complementar e paralela à já existente «sapo», polícia de segurança, equivalente à famigerada Pide.

A citada revista revelou que o «Bureau» de Informações trabalha em estreito contacto com os aparelhos de espionagem e repressão dos países capitalistas entre outros os dos Estados Unidos,

Alemanha Federal, Inglaterra, França e Israel, apontando como exemplos disto um assalto à embaixada do Egipto em Estocolmo, onde filmaram documentos secretos expedindo-os depois para Israel, ou um desembarque na Finlândia há alguns anos atrás em colaboração com a CIA.

Esta polícia secreta infiltrou-se nas organizações operárias e fez fichas de 20 000 pessoas. Durante uma greve no norte do país, em Dezembro de 1969, alguns agentes tentaram localizar os revolucionários comunistas que trabalhavam nessa acção reivindicativa.

A tão afamada liberdade «à sueca» que os nossos reformistas tipo CDÉ e sociais-democratas de Mário Soares nos tentam impingir não é mais que uma mascarada. Evidentemente que toda a burguesia no poder tem o seu aparelho repressivo e usa os métodos e as polícias que mais lhe convierem para poderem reprimir todos os movimentos anti-capitalistas e anti-imperialistas e salvar a pele. Ouçamos o ministro da defesa da Suécia quando a 3 de Maio último reconhecia publicamente a existência desta polícia secreta: «A espionagem responde ao interesse nacional sueco (...). As revelações não mudam nada: modificaremos as direcções, os números de telefone, os automóveis e os agentes. As actividades devem continuar.»

## ALEMANHA

## Repressão violenta contra organizações operárias

A 3 dias da visita do novo tzar soviético Brejnev, o governo social-democrata de Brandt desenhou uma monstra vaga repressiva de tipo hitleriano contra o Partido Comunista da Alemanha (KPD) — marxista-leninista —, União dos Estudantes Comunistas — marxista-leninista — e a Liga contra o Imperialismo, efectuando uma série de prisões e de invasões de casas de militantes operários e assaltando a sede do KPD em Dortmund. Entre os presos encontra-se um membro do Comité Central PCA, Jürgen Horlemann.

Entretanto, no dia 15 de

Maio, realizou-se uma manifestação de massa no centro de Berlim para protestar contra a repressão policial que se estendeu a várias cidades da Alemanha (Bona, Düsseldorf, Franqueforte, Colónia e Munique).

lê SEARA VERMELHA



# MANIFESTAÇÕES DO 1.º DE MAIO

O governo fascista, como já é seu hábito, lançou alguns dias antes da Jornada Internacional dos Trabalhadores uma ampla campanha terrorista de intimidação e ameaças através de comunicados que proibiam todas as manifestações e a efectuação de dezenas de prisões preventivas.

Contudo, o 1.º de Maio foi assinalado por milhares de antifascistas e revolucionários que desceram à rua apesar das ameaças da reacção.

## LISBOA

Centenas de cães de guarda da PSP, GNR, polícia de choque e pides, formaram um gigantesco dispositivo de segurança quando ao fim da tarde do 1.º de Maio cerca de 3 000 manifestantes tentaram juntar-se na parte baixa de Lisboa.

As forças repressivas, que es-

tavam estacionadas nomeadamente no Rossio, Largo D. João da Câmara, Largo de S. Domingos e Praça da Figueira impediram qualquer concentração e matraquearam selvaticamente os manifestantes, chegando a fazer uso do auto-tanque de tinta azul.

Na área da Baixa, o trânsito foi interrompido até cerca da 21h e 30, inclusive o metropolitano, efectuando a polícia fascista várias operações de controle em vários pontos da cidade.

O número de prisões foi elevado, e nos hospitais deram entrada sob prisão cerca de duas dezenas de feridos dos quais um, em estado grave, ficou internado.

## PORTO

Cerca das 19h, centenas de manifestantes concentraram-se na Praça de Liberdade e na Avenida dos Aliados, tendo as forças

repressivas encerrado todos os cafés e outros estabelecimentos do centro da cidade, cortado os acessos à parte baixa da cidade e utilizado megafones para obrigar os manifestantes a dispersar efectuando simultaneamente vá-

rias prisões.

Eram também alvo de um apertado dispositivo a Praça Filipe de Lencastre, Praça D. João I, Rua da Madeira e Largo de Trindade.

No entanto, um grupo de ma-

nifestantes, iludindo a polícia e deslocando-se rapidamente, apedrejou as montras dos Bancos Português do Atlântico e Nacional Ultramarino e outras empresas capitalistas situadas na Praça da Rotunda e Rua Júlio Dinis.

## Violentos recontros entre a polícia e estudantes

Na manhã do passado dia 3 de Maio pelas 11 horas a PSP atacou à bastonada e com bombas lacrimogéneas, em cargas sucessivas, os estudantes que em elevado número se dirigiam para a Faculdade de Letras de Lisboa onde tinha lugar uma reunião convocada no seguimento a uma bárbara agressão dum estudante isolado.

No dia anterior, um estudante tinha sido espancado à porta daquela escola por vários vigilantes-pides, ficando ferido.

A polícia perseguiu os universitários que se dirigiam para a faculdade, prendendo nomeadamente cerca de 20 estudantes (14 dos quais do Instituto Superior Técnico) que se tinham refugiado num estabelecimento nominado «Jockey Club» situado nos arredores da Cidade Universitária.

Entretanto, no interior do edifício, os vigilantes-pides encarregam-se de, a murro, dispersarem os estudantes já reunidos. Contudo, devido à posição firme de alguns estudantes e à intervenção de vários professores, o reacçãoário que desempenha as funções de director da Faculdade de Le-

tras é obrigado a autorizar a reunião e a enviar os seus cães-de-guarda-vigilantes para a cave.

As brigadas da PSP e pides mantêm contudo um cordão em torno da Cidade Universitária que patrulham com carros em atitudes provocatórias. Este dispositivo intimidador tipicamente fascista não impedirá os estudantes de expulsarem violentamente pelas 13h os vigilantes-pides da cantina universitária.

No seguimento desta justa acção as forças policiais cercam mais estreitamente a cantina onde permaneciam cerca de 3 mil estudantes e, sem aviso prévio, abrem fogo com as pistolas.

Os estudantes que procuravam abandonar os locais através das vidraças estilhaçadas pelas balas são perseguidos pelos esbirros policiais que efectuam centenas de prisões.

Os disparos causam cinco feridos um dos quais é transportado para o próximo Hospital de Santa Maria onde é operado com urgência. A bala que o atingiu causou-lhe 10 perfurações no intestino ficando aí alojada. Após se

ter encontrado às portas da morte, este estudante encontra-se livre de perigo. «Se a bala tivesse sido disparada um milímetro mais abaixo teria morrido» - afirmaram os médicos.

Perante mais este criminoso atentado os estudantes reagem rapidamente reunindo-se nessa mesma tarde no Instituto Superior Técnico. Por outro lado, pelas 17 horas um pequeno grupo de cerca de 20 pessoas desceu a Avenida Almirante Reis gritando palavras de ordem anticolonialistas e antifascistas, inscrevendo palavras de ordem nas carrocerias de autocarros e eléctricos e dispersando antes da chegada das brigadas policiais.

Depois destas provocações da polícia ao serviço dos fascistas, as Faculdades de Letras e Económicas estão em greve geral, os estudantes de medicina desencadearam uma greve intermitente e o Instituto Superior Técnico foi encerrado. Os assistentes da Faculdade de Letras iniciaram igualmente uma greve.

## AUMENTA O DESEMPREGO EM PORTUGAL

Números divulgados pelo organismo corporativo fascista Fundo de Desenvolvimento da Mão-de-Obra, referentes à situação do mercado do emprego no final do terceiro trimestre de 1972, são elucidativos da crise do desemprego que alastra presentemente em Portugal.

Aquele organismo afirma que existiam, em Outubro de 1972, 36 mil desempregados, o que equivale a um aumento de 23% em relação ao ano anterior.

Há a salientar que o Fundo de Desenvolvimento da Mão-de-Obra conta apenas com os desempregados inscritos no Serviço Nacional do Emprego que não representam senão uma pequena

parte dos trabalhadores sem trabalho.

Estas estatísticas revelam ainda que o elevado aumento do desemprego resultou dos frequentes despedimentos efectuados no decorrer dos três primeiros trimestres de 1972, em particular nas indústrias têxtil (2 629 despedidos), alimentar (1 469), do calçado (787) e das químicas (520): A zona de Portugal mais afectada neste campo foi o Norte Litoral, onde se verificou um terço do total dos despedimentos.

Embora muito incompletos, estes dados oficiais revelam mesmo assim a crise profunda do mercado de trabalho em Portugal.

## O IMPERIALISMO DOMINA PORTUGAL

Este é o resultado directo da política económica do governo de Caetano, que não hesita em colocar o país numa dependência cada vez maior em relação ao im-

perialismo. Desde que, no início da década de sessenta, após o levantamento em armas dos povos das colónias, os governantes fascistas recorreram ao capital externo, eles não deixaram mais de fazer apelo ao capital monopolista para vir explorar os trabalhadores portugueses e pilhar as nossas riquezas, salvando a burguesia dum crise maior. Desta maneira, o volume dos investimentos estrangeiros atingiu actualmente um montante extraordinário, controlando grande parte da economia portuguesa e das colónias. O seu desenvolvimento acha-se hoje comprometido e dependente dos interesses do imperialismo. Por outro lado, a dependência política em que o governo fascista se achava antes, acrescenta-se agora, com maior amplitude, a dependência económica transformando os governantes caetanistas em peões do imperialismo que vendem por qualquer preço a independência nacional.

Segundo números publicados recentemente, acentuou-se de novo, em 1972, o montante do capital estrangeiro investido nos diversos sectores da economia portuguesa.

A Câmara de Comércio e Indústria Luso-Alemã, único organismo que, de há anos para cá, efectua anualmente estudos sobre o volume e as características dos investimentos directos de capital externo em Portugal e nas colónias portuguesas, com o objectivo de documentar nomeadamente os capitalistas alemães, acaba de divulgar os resultados obtidos no que se refere ao ano transacto. Segundo esses dados, que não são completos, por dificuldades na sua investigação, nas condições actuais, durante esse período, verificaram-se investimentos estrangeiros em 479 sociedades formadas de novo ou já existentes. Destas empresas, 354 tinham sede em Portugal e 125 nas colónias.

O montante do capital investido (capital social das empresas criadas e aumentos de capital verificados nas existentes) subiu, no último ano, a 3 217 mil contos, incluindo as participações portuguesas no capital. Apenas em relação a 1971 verifica-se um aumento de 41%, ano em que se registara a soma de 2 279 mil contos.

As empresas multinacionais foram as principais investidoras com um total de 709,6 mil contos em 58 empresas; segue-se os Estados Unidos com 619,5, em 34 empresas; a Espanha (que, em parte, representa capitais de empresas americanas e de outros países) com 457,3 mil contos em 45 empresas; a República Federal Alemã com 421,3 mil contos em 91 empresas. Segue-se uma longa lista de países, dos quais os pertencentes à Comunidade Económica Europeia (CEE) totalizam 654,5 mil contos de investimentos em 153 empresas.

Em Portugal, estes investimentos controlados pelo capital estrangeiro foram predominantemente dirigidos para a indústria do turismo, a compra de imóveis e outras actividades urbanísticas, onde a especulação e as combinações com a administração caetanista lhes garantem lucros maiores. Nela se aplicaram 819 mil contos contra 783 mil na indústria transformadora e 672 no comércio e prestação de serviços.

## Os pescadores em luta

Pressionado pelas greves reivindicativas por melhores salários e dia de descanso semanal que os pescadores de Matosinhos, Figueira da Foz e Portimão desencadearam recentemente com sucessos parciais, o governo, pela própria voz de M. Caetano, anunciou recentemente serem «extensos aos pescadores os princípios que regulam a atribuição das pensões de reforma e sobrevivência».

O alargamento das miseráveis pensões aos trabalhadores do mar é fruto directo dos pescadores. Marcelo, mau grado a sua lábia, não pode sequer escondê-lo quando anunciou publicamente esta decisão, com naturais fins de demagogia, no decorrer dum almoço na chamada Junta Central das Casas de Pescadores, na Docapesca. Eis as suas palavras que, em vão, procuraram ocultar o princípio de que só a luta paga:

«Ovi dizer que os pescadores partiam preocupados porque ainda não lhes era possível deixar garantidas as mulheres e os filhos para o caso, que Deus permita que não se dê, da morte de algum, elas ficarem amparadas com uma pensão de sobrevivência. Eu julgava que já sabiam, mas parece-me que estava enganado, porque a verdade é que esse problema está resolvido.

«Posso então dar-lhes a novidade que, por despacho de há dias, do sr. secretário de Estado do Trabalho e Providência, foram tornados extensivos aos pescado-

res os princípios que regulam a atribuição das pensões de reforma e de sobrevivência.»

Os pescadores portugueses passam hoje pelas maiores dificuldades. A juntar aos salários de miséria, a pesca rareia nos portos portugueses devido à falta de protecção e de fomento de meios modernos de apesamento do peixe, de portos pesqueiros, etc. A modernização das frotas, a

concentração das empresas bem como a ruína doutras atira com grande número de pescadores para o desemprego, obrigando-os a emigrar e a procurar outra profissão. O governo fascista nada faz para debelar a situação, limitando-se a apoiar técnica e financeiramente as grandes empresas piscatórias que têm interesses opostos aos dos pescadores. (NOVAPORT)

## O Alentejo continua sem indústria

Dados estatísticos agora divulgados indicam que o nível de industrialização do Alentejo permanece extremamente baixo.

O capital social das sociedades existentes nos três distritos alentejanos elevava-se, em fins de 1971, a 876 mil contos, o que representa 1,2% do total das sociedades existentes em Portugal.

A quase totalidade das empresas emprega reduzido número de trabalhadores sendo apenas 20, em toda a região, as empresas industriais que contam mais de 100 empregados (9 em Évora, 8 em Portalegre e 3 em Beja). Os operários fabris, no Alentejo, não chegam a totalizar 12 mil.

Uma das contradições fundamentais do regime capitalista reside na forma desigual como ele se desenvolve, dando lugar a grandes disparidades regionais.

Enquanto as zonas industriais se concentram cada vez mais tornando a vida aí impossível, as zonas rurais mais afastadas ficam desérticas e são condenadas a estagnar. Tal é o caso do Alentejo e doutras regiões do interior do país.

## 87 militantes presos desde Janeiro

Num comunicado publicado no passado dia 2 de Maio pela imprensa, a criminosa Pide afirma ter prendido, em colaboração com outros corpos policiais e desde o início do corrente ano, 87 militantes de várias organizações antifascistas que já passaram diante dos tribunais fascistas ou cujo processo está em instrução.

Este número está contudo muito aquém das prisões efectuadas pela Pide. De facto, várias centenas de antifascistas têm nos últimos tempos passado pelas suas masmorras sem contudo lhes terem intentado processos judiciais por «ausência de matéria criminosa» aos olhos da própria «justiça» fascista.

O comunicado afirma ainda, numa intensão claramente intimidadora das manifestações que estalam ininterruptamente, pelo país, que a Pide conhece a iden-

tidade de várias centenas de estudantes que têm participado activamente em manifestações de rua e que montras de bancos e de outras firmas capitalistas têm sido quebradas.

## Convite à pilhagem

Num discurso recentemente proferido na Câmara de Comércio Luso-Britânica, o ministro caetanista da economia e finanças, Cota Dias, reafirmou o interesse do seu governo em «atrair até nós investimentos directos estrangeiros que se disponham a aproveitar as potencialidades existentes em novos sectores da produção e da exportação especialmente adaptados às condições competitivas da economia portuguesa».

As notícias de Portugal foram elaboradas a partir de despachos da Agência Noticiosa Popular de Portugal - NOVAPORT.

## aniversário

## V. MAIAKOVSKI

A 18 de Julho, passam 80 anos sobre o nascimento do grande poeta popular soviético Vladimir Maiakovski, fundador, com Máximo Gorki, da nova literatura e do novo método artístico do realismo socialista.

Desde a sua juventude que se manifestaram os múltiplos dons de Maiakovski, a sua energia, o seu humanismo activo. Ele participa na luta revolucionária contra o czarismo e a sociedade capita-

lista como pintor e como poeta. A partir de 1912 começa a frequentar as reuniões literárias, e é desde então que os seus versos passam a ser vigorosos e arrebatados, condenando impiedosamente a injustiça social.

Quando do triunfo da Grande Revolução de Outubro, Maiakovski lança-se, com toda a sua ardente ideologia revolucionária, na luta pela edificação da nova sociedade. Todos os domínios da

jovem cultura soviética - literatura, teatro, pintura, cinema - sofreram uma grande influência de Maiakovski.

Nos duros anos da Guerra Civil e da intervenção das potências imperialistas estrangeiras contra o país dos trabalhadores, Maiakovski consagrou todas as suas forças à defesa da Pátria dos operários e dos camponeses.

Em 1919, um grupo de pintores e poetas de espírito revolucionário começou a publicar aquilo a que se chamou os «Painéis Satíricos ROSTA»: cartazes com desenhos e poemas satíricos<sup>1</sup>. Maiakovski juntou-se imediatamente a eles e depressa se tornou o animador e organizador desse empreendimento.

Desenhava caricaturas e redigiu poemas políticos com vigoroso acento. Em dois anos, o pequeno grupo de pintores e poetas dirigido por Maiakovski compôs vários milhares de «Painéis Satíricos».

A arte de Maiakovski atingiu o seu apogeu nos anos vinte. Criou obras capitais tais como: «Lénine», «Isto Vai», «O Passaporte Soviético». O poeta fez eco de todos os grandes acontecimentos do seu tempo através dos seus notáveis versos.

Durante longos anos, Maiakovski foi um colaborador permanente dos jornais *Izvestia*, *Komsomolskaia Pravda* e de muitos outros. Antes de mais, ele via nos jornais uma tribuna donde se podia dirigir às imensas massas de trabalhadores. A grande parte dos escritos de Maiakovski viram a luz do dia nas colunas dos jornais.

Mas mesmo uma tribuna tão vasta como um jornal não podia substituir, para Maiakovski, o contacto directo com as pessoas. Como possuía uma voz potente e um grande talento de interpretação, ele fazia muitas vezes leituras públicas dos seus poemas. A sala do Museu Politécnico de Moscovo, onde o poeta se reunia frequentemente com os seus leitores, estava sempre cheia e, em regra geral, a reunião acabava sempre por uma discussão apaixonada sobre as vias da poesia soviética.

Maiakovski viajou muito através do país dos Sovietes e também da Europa e da América. Aí, aparecia sempre como o representante da cultura socialista dos operários e camponeses da URSS.

Dele dizia o grande dirigente do povo soviético, Josef Stáline, que era «o melhor poeta e o de mais talento da nossa época soviética». Josef Stáline e os demais membros do Governo da URSS contavam-se muitas vezes entre os auditores de Vladimir Maiakovski. Por seu lado, o poeta colocava todo o seu talento ao serviço do povo e do Governo soviéticos. Dizia ele: «Alegro-me de que o meu trabalho se funda com o trabalho da minha república.»

Falecido a 14 de Abril de 1930, V. Maiakovski deixou uma grande recordação entre os trabalhadores da URSS e dos outros países que visitou, assim como de quantos já tiveram ocasião de ler as suas poesias. Ele continuará sendo sempre um dos grandes poetas da classe operária.

Em contrapartida, os Evtuchenko, os Pasternak, etc., da actual URSS, servidores da nova burguesia que hoje oprime os operários russos, os quais tentam levar o pacifismo e o obscurantismo às massas populares, que vão servir de diplomatas do social-imperialismo até aos países mais reaccionários como ao Portugal fascista, e não hesitam em visitar e ajoelhar na Cova da Iria, esses, serão apagados da cena da história e relegados para o esquecimento total. É que, por mais apoio que hoje recebam dos novos czares, no fim de contas, eles opõem-se ao espírito popular em poesia e à via da defesa abnegada dos interesses dos trabalhadores, como foi o espírito e a via seguidos por Vladimir Maiakovski.

## emigração

## PARIS

## Comício anticolonialista

Realizou-se no passado dia 29 de Junho, na Sala de l'Épicerie, em Paris, a primeira jornada sobre a *África Austral e as Colónias Portuguesas* organizada pela Associação de Apoio aos Povos sob Dominação Colonial Portuguesa de que fazem parte *O Salto*, a *FEANF* (Federação dos Estudantes da África Negra em França), *Front Rouge*, *Le Proletaire Ligne Rouge*, etc e que contou ainda com a participação da *UNITA* (União Nacional para a Independência Total de Angola).

O comício iniciou-se com uma alocução da *FEANF* seguida da leitura de extractos de um discurso de Jorge Sangumba, Secretário dos Negócios Estrangeiros e membro do Comité Central e do Bureau Político da *UNITA*. *O Salto*, que interviu logo depois, salientou a importância política e económica que as colónias portuguesas têm para a burguesia portuguesa e para o capitalismo internacional e mostrou como a luta heróica que os povos das colónias sustentam contra o colonialismo português apoiado nos seus aliados da NATO e nos regimes racistas da Rodésia e África do Sul, luta que conduzirá esses povos à sua libertação, constitui um ferro em brasa que fere profundamente as garras com que o imperialismo exerce a sua

rapina nessas regiões.

A intervenção seguinte coube a *Le Proletaire Ligne Rouge* (O Proletário Linha Vermelha) - organização comunista (marxista-leninista).

A terminar esta primeira parte da reunião, um debate animado no qual os representantes da *UNITA* presentes responderam a várias questões que os participantes no comício puseram sobre o problema da unidade da luta em Angola, sobre as relações da *UNITA* com os outros movimentos angolanos, sobre os limites e localização das regiões libertadas ou controladas pela *UNITA*, sobre a política seguida pela *UNITA* nessas regiões, etc.

A segunda parte desta jornada anti-colonialista e anti-imperialista foi preenchida pela apresentação de uma peça militante sobre a luta do povo da Guiné-Bissau e Cabo Verde, que

sob a direcção justa do seu partido, está prestes a libertar a totalidade do seu território continental e a infligir, assim, uma pesada derrota ao colonialismo português e ao imperialismo.

No final, os participantes no comício aplaudiram entusiasticamente aquela realização levada a cabo por camaradas da *FEANF*.

## CORREIO DO LEITOR

## Urgência...

Recebemos a carta de um leitor que nos conta mais um caso da vergonhosa exploração a que os corruptos oficiais colonialistas portugueses submetem os soldados e os jovens em idade de tropa. Eis o que nos diz o camarada a este respeito.

«O que me levou hoje a escrever-vos é o seguinte:

«Tenho estado em Portugal todos os anos, gozando curtas férias.

«O ano passado lá fui tranquilo, esperando ter à chegada (fronreira) as facilidades tão apregoadas pela rádio nacional e imprensa ao serviço da exploração. Logo vi que as coisas realmente têm mudado mas *para pior*, pois para entrarmos no país é preciso paciência para esperarmos e uns francos para meter nas mãos dos guardas espertos.

«Mas não é só aí que vive a rapina... Uma nova exploração nasceu nos quartéis e atinge todos os mancebos que por lá têm de passar... Trata-se da tal guia

que precisamos de pagar com mais 10 escudos para os cofres da «malta». Hoje, para obter essa guia, é preciso abrir bem os cordões à bolsa. Em Braga, onde nasci, o custo da guia varia entre 100\$00 a 500\$00 - isto se queremos chegar a França a horas de recomeçar o trabalho. O «senhor» oficial reformado que atende todos os rapazes não está com cerimónias: responde logo (não pode ser para o dia que vocês querem).

«Ora uma guia, que não demora mais do que dois minutos a preencher, levará assim tantos dias a fazer? Os rapazes obrigados a partir são assim obrigados a pagar a esse *devotado* servidor da «causa».

«Para complemento: dizem lá na cidade que os meses de férias para o «senhor» oficial já lhe pagaram o custo de um prédio!

«Mais tinha para contarmos por hoje fico-me por aqui. Peço-vos para darem publicidade no vosso jornal a esta carta.»

## Porque assino "O Salto"

«Camaradas d' *O Salto* :

«Sou um jovem desertor português, mais um que foge às garras do exército fascista de Marcelo Caetano e dos seus cães de fila. Já em Portugal tomara conhecimento do jornal e agora, chegado a França, sabedor da vossa direcção é com prazer que me quero tornar assinante d' *O Salto*. Junto vai um cupão com o meu nome e endereço. Gostaria de saber como se faz o pagamento.

«Porquê tornar-me assinante d' *O Salto*? Por ser um simples jornal português, desses que se podem obter longe de Portugal? Não. Se me quero tornar assinante, é porque vi nele algo mais do que um jornal. Ele é o narrador fiel do que se passa em Portugal, ele fala dos verdadeiros crimes cometidos pelos gorilas da Pide, ele mostra qual é a verdadeira face do fascista Caetano.

«Camaradas! Sou ainda jovem, inexperiente até, mas vi os crimes cometidos pelos capitalistas portugueses contra o povo, contra aqueles que lutam pela sua inde-

pendência. É preciso lutar contra a opressão capitalista, contra o imperialismo português, é preciso acabar com a guerra colonial. (...) É preciso unir as massas populares pois só elas poderão derubar o fascismo português. Nós não podemos dormir, nós não podemos continuar a viver oprimidos e nós não podemos morrer oprimidos porque os vencidos de hoje serão os vencedores de amanhã! Fora com a guerra colonial, abaixo o imperialismo e o fascismo português!»

escreve  
para:

Correio  
do Leitor



## Ordem n.º2 ao exército da arte

É a vós -  
barítonos bem alimentados -  
que desde Adão  
até hoje

comoveis as espeluncas - a que chamam teatros -  
com as árias dos Romeus, árias das Julietas

(...)

É a vós -  
escondidos à sombra de místicas folhetas  
arando com mil rugas vossas frentes -  
pequenos futuristas,  
pequenos imaginistas,  
pequenos acineistas  
embarçados entre a teia das rimas

(...)

É a vós -  
bailarinas, tocadores de trompeta  
que vos entregais abertamente,  
ou calmamente pescais,  
e imaginais o futuro  
como uma academia imensa.  
É a vós que o digo  
eu -  
genial ou não genial,  
que abandonei a quinquilharia da arte  
e trabalhei na ROSTA,  
eu vo-lo digo -  
antes que vos expulsem à coronhada.  
Deixem-se disso!

Deixem-se disso!  
Esqueçam,  
ponham de lado  
rimas,  
romances,  
roseiras em flor  
e todas as outras *melancolias*  
dos arsenais das artes.

(...)

Já não há imbecis  
para, multidão boquiaberta,  
esperar que caia dos lábios do «mestre» uma palavra  
Camaradas,  
inventai uma arte nova  
que arranque  
a República da lama

(extractos dum longo poema escrito em 1922)

# emigração

## FRANÇA

### As recentes declarações e projectos governamentais

Após alguns meses de silêncio eis que surge a primeira grande reacção das autoridades a uma das reivindicações fundamentais dos trabalhadores imigrados e franceses: «Abaixo a Circular Fontanet!» A reacção é notável e a resposta clara: «Não!»

O ministro do trabalho declarou recentemente que se irão proceder a uma série de medidas para «humanizar» as condições de vida dos emigrados, mas, como confirmou o primeiro ministro, «a revogação da Circular Fontanet não pode ser encarada, porque este texto melhora sensivelmente a protecção aos emigrantes».

Assim, o que será «humanizar» para o ministro?

1) «Um maior controle na origem», quer dizer, novos acordos e negociações de mão-de-obra com as burguesias de Portugal, Tunísia, Marrocos, Turquia etc.

2) «Um maior controle de entradas», quer dizer, uma grande vigilância nas fronteiras o que permitirá recambiar todos os emigrantes que a polícia considere «ilegais». Lembre-se que em 1972 a polícia recusou a entrada em França a 37 747 emigrantes.

3) «Impedir o tráfico de mão-de-obra», é o tema de um projecto de lei que irá sobretudo dificultar a regularização dos trabalhadores argelinos e demais norte-africanos proibindo-os de serem empregados por uma agência de trabalho temporário («interim»), o que equivale a estender a Circular Fontanet a todos os estrangeiros.

4) «Reprimir os negociantes do sono», ou sejam os proprietários de hotéis ou «casas» que albergam os trabalhadores emigrados, onde aos mais altos preços os trabalhadores vivem nas condições mais miseráveis de higiene. A primeira vista parece uma medida sã, mas a realidade é bem outra. Este projecto de lei dá a possibilidade ao Prefeito duma região determinada de um dia para o outro pôr na rua trabalhadores que se encontrem nos ditos hotéis ou casas. Uma vez sem casa, os trabalhadores emigrados estão numa situação «irregular» face à Circular Fontanet,

caindo sobre eles a ameaça de expulsão. Ou então serão obrigados a alojar-se nos «lares-prisão» (foyers) patronais, novas enxovias considerados como oficiais.

Resumindo: «humanizar» significa, pois, mascarar a Circular Fontanet-Marcellin e não suprimi-la; aumentar o controle e repressão governamentais e patronais; estender a aplicação da aberrante circular a todos os emigrados; e, por último, dar todos

os poderes à polícia de fazer ameaças de expulsão aos trabalhadores que não tenham casa.

Não era de esperar outra coisa! Estas precisões do governo devem servir-nos para redobrar o combate, lado a lado com todos os emigrantes e trabalhadores franceses, para eliminar a circular Fontanet-Marcellin e adquirir os mesmos direitos para todos os trabalhadores seja qual for a sua nacionalidade.

### Cinco operários portugueses mortos

Na sexta-feira, 18 de Maio cinco operários portugueses da construção civil emigrados em França encontravam a morte subterrados pelas duzentas toneladas de betão dos blocos que serviam à construção de um viaduto numa estrada perto de Caen. «Terrível acidente devido à falta de cuidado dos operários, o erro humano, etc.», dizem os patrões e a sua «Comissão de Inquérito» tentando mascarar mais este crime.

Hoje em França 40% dos trabalhadores portugueses emigrados são operários da construção civil e todos eles conhecem e sentem na pele as más condições de trabalho, a falta de medidas de segurança (mesmo aquelas que a lei burguesa impõe), os baixos salários (já não tendo em conta as discriminações de salário por nacionalidade), as 50 horas de trabalho por semana (sem contar as horas suplementares após as quais o patrão lhes atira com mais umas migalhas) enfim, o maior e mais descarado «gangsterismo» patronal.

Este último crime do capital é a confirmação do que acabamos de afirmar. Já no dia 2 de Maio e no mesmo chantier tinha havido a queda de uma grua que só por acaso não causou vítimas. Segundo um operário, a construção do viaduto encontrava-se já com atraso em relação ao plano e a empresa obrigava a trabalhar em cadências sobrehumanas, faziam-se as habituais 48 a 50 horas e uma grande quantidade de ho-

ras suplementares. As mínimas condições de segurança não eram respeitadas assim como as condições de higiene.

Que não nos venham dizer, pois, que são os operários, por não respeitarem certas normas de segurança individual ou condições climáticas, os responsáveis de tantas mortes. Não!

Em França há por ano na construção civil 325 000 acidentes dando origem a paragem do trabalho, 33 000 mutilados, e, em média, 4 mortos por dia. Os verdadeiros responsáveis são os capitalistas e o seu governo, são eles os criminosos, para os quais as vidas dos trabalhadores só servem para lhes encher os bolsos. A sua saúde? Os acidentes a que possa estar sujeito? Ficar mutilado? Morrer? Ao capitalismo isso não lhe interessa! O lucro é a sua única preocupação.

### Manobras consulares

Em todos os países da Europa há hoje cerca de 80.000 jovens portugueses que se recusaram a participar na criminosa guerra colonial que é movida aos povos de Angola, Moçambique e Guiné.

Muitos deles vieram para os países onde emigramos ainda bastante novos, acompanhando os seus familiares. Hoje, chegados à idade que o governo caetanista estabelece para a entrada no exército colonial-fascista, vêm-se sujeitos às mais vis manobras das autoridades governamentais portuguesas no estrangeiro, (os consulados) que em colaboração com os governos capitalistas dos países onde nos encontramos, fazem tudo e mais alguma coisa para os obrigarem a regressar a Portugal para participarem na criminosa guerra colonial.

Aqui na Alemanha, quando um jovem em idade militar se dirige a um consulado para renovar o seu passaporte é-lhe dado um prazo de espera que pode ir de 3 semanas a 2 meses (mesmo quando se pagam as exorbitâncias por todos nós conhecidas da chamada «taxa de urgência»!).

Por outro lado, e dum modo geral, a autorização de residência concedida pelas autoridades alemãs coincide com a validade do passaporte...

Reparemos agora na manobra. O organismo fascista retém intencionalmente o novo passaporte do jovem trabalhador e entretanto a autorização de residência caduca, o que leva as autoridades alemãs a não conceder uma nova autorização de residência, alegando que: «esse passaporte já não é válido».

Consequência da manobra: expulsão imediata da Alemanha, quando não a entrega directa aos opressores do povo portugueses.

Atenção pois jovem camarada! Quando esta legislação repressiva luso-alemã se abater sobre ti, não te deixes intimidar. Entra em contacto com os diferentes comités de apoio aos jovens desertores e refractários portugueses ou escreve ao nosso jornal.

## UM TRABALHADOR PREVENIDO VALE POR DOIS

### O despedimento

Segundo o Código Civil francês, um patrão pode, em qualquer momento, despedir um operário, excepto em determinados casos — mulheres grávidas, delegados sindicais, etc. No entanto, se abusa deste «direito», como diz a própria lei burguesa que o protege, o patrão poderá ser obrigado a pagar uma certa quantia por perdas e danos ao trabalhador.

Compete ao tribunal burguês, contudo, dizer se o despedimento é ou não abusivo, o que, no fundo, não representa senão mais insegurança ainda para os trabalhadores visto os tribunais considerarem nomeadamente o despedimento motivado por factores económicos (reorganização da empresa, dificuldades financeiras, etc.), como «não abusivo». Como não podia deixar de ser, evidentemente!

Ora, o maior número de despedimentos é consequência directa da corrida ao lucro entre capitalistas que necessitam para tal de «reorganizar» de tempos a tempos as suas empresas, comprar máquinas mais modernas etc. Como poderíamos pois, os tribunais burgueses, que são armas da exploração capitalista, considerar estes «despedimentos técnicos» como abusivos? A lei é contra nós e em nada nos favorece, mas há, contudo, certas formalidades que o Estado capitalista estipulou e que por vezes o patronato não cumpre. A estas violações da própria legalidade capitalista, os trabalhadores devem opor uma luta tenaz levando por vezes o combate aos próprios tribunais da burguesia, reclamando o cumprimento das formalidades.

#### O QUE DEVEMOS EXIGIR

##### RESPEITO DA CONVENÇÃO COLECTIVA

Há certas convenções colectivas ou acordos de empresa que impõem muitas vezes ao patrão o cumprimento de certas formalidades antes de qualquer despedimento e que, não sendo observado, o tornam abusivo.

##### CARTA REGISTADA

Todo o despedimento deve ser comunicado ao trabalhador por uma carta registada e com aviso de recepção. A falta desta carta torna possível ao trabalhador exigir a indemnização de aviso prévio (préavis).

##### AUTORIZAÇÃO DE DESPEDIMENTO

O patrão é obrigado a ter uma autorização de despedimento do inspector do trabalho e fornecer uma cópia ao trabalhador.

Se o patrão não dispõe dessa autorização o operário poderá exigir ao inspector do trabalho que institua um processo verbal. Se este se recusar, o trabalhador pode instaurar uma queixa, por escrito, ao Procurador da República.

##### O AVISO PRÉVIO (PRÉAVIS)

Para os operários com menos de 6 meses de antiguidade, o aviso prévio depende das conven-

ções colectivas. Em geral é de uma semana para os operários da indústria.

Para os que têm mais de 6 meses de antiguidade: nunca menos de um mês.

Após dois anos de antiguidade o operário tem direito, à escolha do patrão, a:

- 2 meses de aviso prévio ou
- 1 mês de aviso prévio acompanhada de uma indemnização especial igual a 10 horas de salário médio ou 1/20 do mês por ano de antiguidade.

Note-se que o trabalhador que esteja dispensado de efectuar o seu aviso prévio deve receber uma indemnização de aviso prévio igual ao salário que ele ganharia se o tivesse efectuado.

#### DUAS HORAS POR DIA

Durante o aviso prévio, o trabalhador tem o direito de se ausentar geralmente duas horas por dia, para procurar um novo emprego. O limite desta ausência e a sua remuneração estão estipuladas nas convenções colectivas.

#### CERTIFICADO DE TRABALHO

Em qualquer circunstância de despedimento, o patrão é obrigado a entregar ao trabalhador um certificado de trabalho, dito *carta de desembauche* (certificado de trabalho). Este certificado não pode conter nenhuma apreciação desfavorável ao trabalhador.

#### CUIDADOS A TER

Logo que se tenha conhecimento do despedimento deve-se imediatamente contactar os camaradas de trabalho, sindicalizados ou não, com vista a uma possível acção reivindicativa de massa para a reintegração ou acção judicial.

Para informação jurídica aconselhamos também a entrada em contacto com a secção social duma associação independente, democrática e popular de trabalhadores portugueses emigrados ou um permanente sindical da vossa confiança.

— Não assinar nenhum documento, recibo ou outro papel, sem saber perfeitamente o que se está a assinar.

— Se na altura do despedimento a quantia paga pelo patrão não corresponder à que ele devia desembolsar, o trabalhador não deve recusar essa quantia. Há a possibilidade de reclamar a falta de pagamento diante do tribunal seguidamente. É importante, no entanto, que se o patrão fizer assinar (ter o cuidado que acima referimos!) um recibo de saldo de todas as contas («reçu pour solde de tout compte») exigir uma cópia. Há um prazo de dois meses para reclamar junto do tribunal através de uma carta registada com aviso de recepção a quantia que o patrão possa ter ficado a dever.

— Inscrever-se imediatamente na secção local da Agência Nacional para o Emprego ou ela não existindo, na Câmara (Mairie).

Esta inscrição garante os direitos à Segurança Social e à Caixa Especial de Desemprego (ASSEDIC).

### Uma boa negociata

Nos primeiros quatro meses deste ano, 8 400 trabalhadores portugueses emigraram legalmente para a República Federal Alemã segundo noticiaram recentemente vários órgãos de informação.

A emigração para a Alemanha é agora maior do que nunca. Durante todo o ano de 1972, o número de trabalhadores que partiam legalmente para a República Federal Alemã atingiu 14 200, número que será certamente ultrapassado no corrente ano.

Perante este fluxo de trabalhadores emigrantes, a burguesia alemã através do seu Instituto Federal de Trabalho lança-se neste comércio de assalariados por-

tugueses com uma medida inovadora.

A partir do dia 9 do passado mês, partirão regularmente de Lisboa, carreiras aéreas especiais via Hamburgo transportando trabalhadores portugueses. O objectivo dos capitalistas alemães não é evitarem a fadiga dos transportes terrestres aos emigrantes, mas embolsarem na totalidade as respectivas verbas.

Esta medida vem intensificar ainda mais o controle sobre os trabalhadores portugueses emigrados que passam a ser entregues como simples mercadoria de exportação e importação pela burguesia portuguesa à burguesia alemã ainda em Lisboa.

(NOVAPORT)

## BÉLGICA

### A repressão aumenta

Após o assassinato de um jovem trabalhador marroquino, no passado dia 7 de Maio em Bruxelas, perpetrado pela polícia belga, numerosas têm sido as vezes que os bairros populares da Gare do Norte, onde habitam muitos emigrantes, são teatro de uma violenta repressão policial que visa sobretudo os trabalhadores emigrados, em particular marroquinos.

A 17 de Maio último, a polícia procedeu a uma apertada operação de verificação de identidade dos trabalhadores emigrados que saíam do «Bureau» de des-

emprego de Ixelles (Bruxelas-Sul).

Como nos outros países para onde emigramos também a burguesia belga através da sua polícia faz cair sobre nós a sua opressão com o vil intento de nos intimidar, de nos dividir do resto da classe operária.

Anote-se que a polícia de Bruxelas está sob as ordens de um social-democrata à Mário Soares a quem um outro laçao da burguesia muito recentemente perguntou se ele «não sonhava demasiado com o regime fascista dos coroneis gregos».

### Mesma melodia com nova letra

A exposição que fizemos neste artigo refere-se à actual legislação sobre o despedimento. Entretanto, a Assembleia Nacional francesa discutiu e aprovou um novo projecto de lei sobre esta questão. Elaborado pelo antigo ministro burguês dos Assuntos Sociais, o projecto não traz modificações fundamentais à antiga procedura, como aliás seria de esperar.

Assinalamos no entanto uma pequenina reforma introduzida com o objectivo de dar um ar mais «democrático» ao despedimento: agora o patrão é obrigado a chamar o trabalhador antes de o despedir e dizer-lhe que o quer pôr na rua. Por seu lado o trabalhador pode, depois do despedimento efectuado, fazer um pedido por escrito ao patrão exigindo um esclarecimento das razões que o levaram a despedi-lo. O patrão é obrigado a dar esse esclarecimento. Mas esta pequena máscara «democrática» tem as suas limitações. Diz o projecto: «esta disposição só é aplicada aos trabalhadores que tenham mais de dois anos de casa ou que trabalhem em empresas com mais de onze empregados»...!

Enfim... a mesma melodia com nova letra!

# Os I Jogos Florais Portugueses

## "A Mãe" — caminho a trilhar

Os I Jogos Florais Portugueses na emigração foram um incentivo poderoso para o aparecimento de novos grupos de teatro nas associações de trabalhadores independentes, democráticas e populares.

Os Jogos mostraram claramente o entusiasmo que o teatro desperta nas massas e o papel de particular importância que tomou na luta da frente cultural contra o obscurantismo capitalista e fascista na emigração. Os I Jogos Florais demonstraram que para o movimento cultural associativo o teatro é a mais importante das artes.

Foi assim que 11 associações se inscreveram no concurso de teatro e que oito estiveram presentes.

Foram as seguintes as peças apresentadas: «A Mãe», adaptação da peça de Bertold Brecht, apresentada pelo Grupo de Teatro «José Gregório», de Paris; «Que Fazer» escrita e apresentada pela Associação Resistência e Trabalho de Amsterdão (Holanda); «O Emigrante» apresentado pela Associação dos Trabalhadores Portugueses da Aglomeração-Lionesa; «O Emigrante» escrito e apresentado pelo Clube dos Jovens Trabalhadores Portugueses de Paris; «A Lua Vai Nascer» adaptada e apresentada pelo Centro Recreativo dos Portugueses de Bourges; «O Homem» apresentada pelo Encontro Português de Puteaux.

Este festival de teatro marca uma importante etapa na luta para criar uma arte teatral onde a cena seja não o reino dos senhores burgueses ou dos pequenos-burgueses angustiados, mas sim o do povo. Nesta luta toma uma importância particular a produção de novos textos a escolha de já existentes ou a sua adaptação.

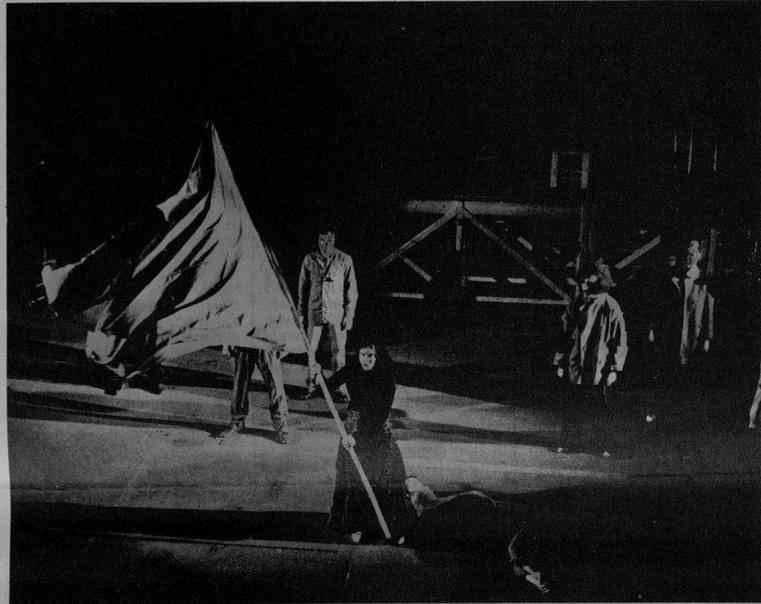
A produção de novos textos («Que Fazer» e «O Emigrante») mostraram, contudo, as limitações que existem neste campo: falta de conteúdo emocional e, no caso de «O Emigrante», desconhecimento de uma linguagem teatral. No entanto, isto não invalida o facto de que, se queremos que as peças de teatro reflectam a luta na sua realidade actual, e sobre a criação de no-

vos textos que deveremos meter o assento da nossa actividade, pois na produção cultural portuguesa, dominada pelo derrotismo reformista, não se encontram peças contemporâneas de conteúdo revolucionário.

A adaptação de peças é igualmente um meio de obter bons resultados. É o caso da peça «A Mãe» cujo texto, embora amputado de uma parte que nos parece fundamental (a relativa à guerra imperialista), é um exemplo magnífico de um texto teatral onde tudo é feito para

cadeias da exploração seja exaltada, onde, em suma, a realidade seja apreendida pelo espectador com todo o vigor do seu movimento revolucionário.

Ora este festival mostrou que a maioria dos grupos teatrais ainda se opõe à descrição de personagens que sejam o símbolo da heroicidade popular. A encenação da peça «A Mãe» foi a única que teve isso em consideração e nos procurou dar através da própria Mãe e do seu filho Pavel dois exemplos a seguir.



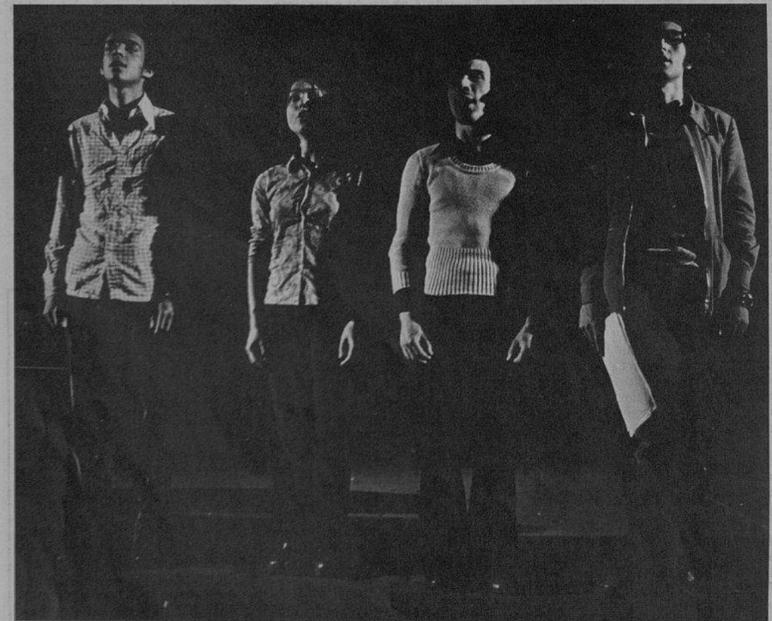
Cena da peça «A Mãe»

educar o povo trabalhador e em particular a classe operária, e lhe fazer tomar consciência do seu papel histórico na destruição do capitalismo.

Não basta, no entanto, ter um bom texto, é necessário também escolher uma forma de apresentação onde o povo e em particular os seus heróis sejam galvanizados e onde a sua força irrisistível na destruição das

A cena da manifestação do 1. de Maio é um exemplo do caminho a trilhar.

E por isto que nós não concordamos com a decisão do Júri de Teatro. Ele deveria ter realçado que é no sentido de peças como «A Mãe» que o trabalho teatral associativo deve ser orientado. Não o fazendo ele demonstrou falta de firmeza na luta por uma cultura ao serviço do povo.



Cena da peça «Que Fazer»

Como seria de esperar o nível técnico das representações foi dominado por um amadorismo de baixo nível, excepção feita para a representação da peça «Que Fazer». O grupo de teatro da Associação Resistência e Trabalho mostrou como é possível fazer teatro sem «amadorismos» e, em alguns aspectos de «A Mãe», este facto foi igualmente comprovado.

A maioria das encenações não entraram em consideração com alguns aspectos técnicos básicos do teatro como seja, a marcação,

## Canção e Composição

No campo da música e da canção estes I Jogos Florais Portugueses mostraram-nos que ainda é preciso trabalhar muito afim de se obter composições que pela sua qualidade elevada melhor sirvam a cultura popular.

Coubes à Canção Final dos Trabalhadores o 1. Prémio. No seu conteúdo encontramos enunciadas as actuais reivindicações fundamentais das massas populares — Liberdade, Paz, Pão, Terra e Independência — enquadrando-se pois a canção no actual momento da luta do povo português.

No campo da forma poética existem algumas imperfeições (construção da rima, construção das imagens) mas, no seu conjunto, a canção parece-nos ser, de longe, a que melhor soube revestir um conteúdo ideológico e político elevado com uma forma poética correcta.

Na sua faceta musical a canção possui uma homogeneidade que se equilibra perfeitamente com o poema.

Quando à interpretação devemos salientar que a canção exige muito de quem a interpreta e o cantor, Gil Nave, não conseguiu nomeadamente sobrepôr a sua voz ao acompanhamento da viola. A interpretação da canção deve ser feita por uma voz clara e limpa afim de facilitar a audição, o que contribuirá para a sua valorização musical.

José Mário Branco interpretou-a em conformidade com os dotes que o caracterizam mas, para que uma cantiga seja uma arma, não basta a pontaria.

O balanço musical destes I Jogos Florais é satisfatório se atendermos às limitações de todo o género que conhecemos os nossos artistas populares. Estamos conscientes e convictos de que os II Jogos Florais conhecerão maior afluência e melhor qualidade no campo musical.

Que todos os artistas populares comecem, desde já, a batalhar nesse sentido!

Manuel Teixeira Ruela existe uma grande perfeição no domínio da harmonização musical.

**Coro final dos trabalhadores**

*Ó povo trabalhador, Em frente pela União, Lutemos até conseguir Que para todos haja Pão.*

*Unidos seremos bem fortes, Subiremos do vale à serra, Hasteando a nossa bandeira, Da posse da nossa Terra.*

*Lutando sem desanimar Até que um dia o povo vença, Perto do dia glorioso Da verdadeira Independência.*

*Vá, camarada, junta-te a nós, Que a Liberdade se faz dia. A Paz, o Pão, a Terra serão nossas Independência é alegria.*

*Iremos até ao fim, Vida ou morte tanto faz. No dia do Portugal nosso, Reinará no país a Paz.*

*Vá, camarada, vamos cumprir O nosso grande papel na História Só tu podes escrever Em novos livros a Vitória!*

## Coros

O Coro 18 de Janeiro, da Bélgica, foi premiado com uma menção honrosa. Embora denote falta de rodagem ele afigurou-se-nos como um grupo coral que poderá conhecer grandes sucessos no seu trabalho. Parecemos, no entanto, que ele deve ainda lutar muito no domínio da técnica.

\*

Vamos, finalmente, falar duma canção que levantou algumas dúvidas quanto à sua classificação. Trata-se da canção de José Mário Branco intitulada *A Cantiga é Uma Arma*, que não foi premiada.

No aspecto do seu conteúdo a canção é pobre. Ao contrário da canção premiada, que é uma canção de luta e que se integra no espírito combativo das massas populares, *A Cantiga é Uma Arma* apresenta-nos uma problemática que não consegue ultrapassar os horizontes da intelectualidade, pequeno-burgueses, que se interroga sobre o seu papel na sociedade, sobre os compromissos a assumir em relação à luta de classes, enfim, que procura ainda hoje saber se uma canção é ou não uma arma.

Temos depois o poema musicalizado. Ao ouvi-lo tivemos a sensação de presenciarmos uma cançoneta dum qualquer festival burguês. Não basta fazer cantar o público para que logo se pense que se está diante duma composição musical de grande valor. Nada disso!

Os poemas premiados disto são prova contundente, irrefutável.

Os poemas premiados disto são prova contundente, irrefutável.

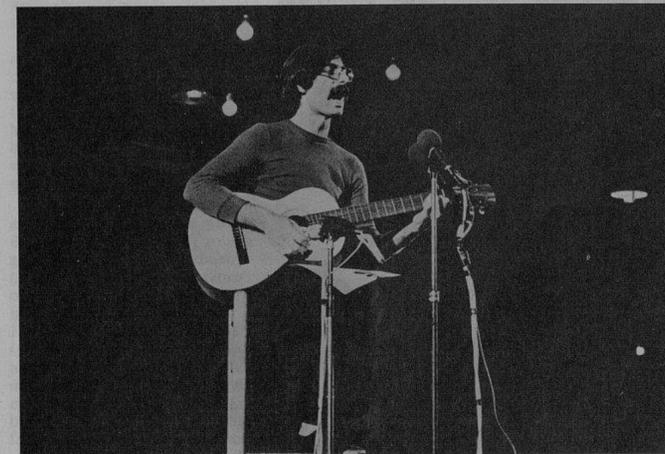
Os poemas premiados disto são prova contundente, irrefutável.

**VITÓRIAS NO DOMÍNIO DA FORMA**

Quando à forma poética atingiu-se o bom e o mau. A maioria dos autores deixa, contudo, transparecer claramente nas suas obras uma louvável preocupação formal. Eis um facto positivo que vem destruir algumas ideias erróneas, populistas e pequeno-burguesas segundo as quais a forma artística não deve ser trabalhada e aperfeiçoada constantemente pelo criador.

O povo exige uma forma literária e artística cada vez mais bela. A esta justa exigência, os artistas e escritores populares

Em baixo, à esquerda: Gil Nave interpretando a canção vencedora.



## Literatura ao serviço do povo

A participação no Concurso de Literatura dos I Jogos Florais Portugueses na Emigração ultrapassou largamente em todos os sentidos as perspectivas mais optimistas.

De facto, se alguns géneros literários conheceram uma fraca participação, dezenas de poetas vieram animar extraordinariamente o concurso com os seus versos.

Exporremos pois em primeiro lugar e muito sumariamente, dado o pouco espaço de que dispomos, algumas ideias que ressaltam das poesias concorrentes.

### FRACA PRODUTIVIDADE NOS DEMAIS GÉNEROS

Como já indicámos os demais géneros literários (conto, narrativa, romance, teatro escrito, reportagem) foram largamente minoritários em relação a poesia. É normal e compreensível.

As duas peças de teatro apresentadas *Que Fazer* (peça premiada em 2. lugar no concurso de teatro declamado) e *Alentejo, Presságio da Revolução Socialista* parecem-nos, contudo, susceptíveis de serem melhoradas pelos autores. A visão cénica (todo o teatro é para ser representado!) e o sintetismo, o rigor histórico e científico, o poder propagandístico e educativo, devem preocupar os autores de *Que Fazer* e *Alentejo, Presságio da Revolução Socialista* na revisão das suas obras. Ao trabalho os draa

Sobre as obras dos outros géneros apresentadas muito haveria a reflectir e discutir, contudo o espaço urge como afirmamos.

**QUE MAIS ESCRITORES POPULARES USEM APRESENTAR AS SUAS OBRAS NOS II JOGOS!**

Que os escritores antifascistas e populares usem trabalhar, usem apresentar as suas obras nos II Jogos Florais Portugueses na emigração a realizar em 1974 pelo Movimento dos Trabalhadores Portugueses Emigrados!

Que estes Jogos de se acabam de realizar sejam um começo para a grande emulação de escritores populares, criadores duma literatura nova ao serviço das forças democráticas populares e revolucionárias.

Por outro lado, gostaríamos que concorrentes e outros leitores nos escrevessem dando-nos as suas impressões sobre as obras premiadas e expressando as suas críticas à forma como decorreu o Concurso de Literatura destes Jogos.

Em baixo, à direita: O Coro 18 de Janeiro num momento da sua actuação.

Em baixo, à esquerda: Gil Nave interpretando a canção vencedora.

### Cinco bandeiras

*Oh, Liberdade!  
Tu que brotas da fonte  
onde os povos vão beber,  
tu que gústas  
no olhar dos que trabalham,  
tu que guias  
a caneta do poeta,  
tu que avanças  
para os teus filhos que batalham.  
Tu que és luta, que és vida,  
que és cinza, que és carne,  
tu que és dor, que és morte,  
que és vento, que és mar,  
tu que és água, que és seca,  
que és nascente, que és foz,  
tu que és sangue, que és luz,  
que és fogo e que és ar.  
Existes não sendo viva,  
possuis uma raiz amarga,  
numa noite em que o silêncio  
é cúmplice de tu seres escrava.  
Mas é longa e dolorosa  
a luta pela existência,  
dum tempo que nunca morre,  
duma palavra que cai  
do pensamento,  
duma semente  
que brota em actos,  
eterno ciclo necessário  
para o teu nascimento,  
em que o baptismo  
será uma aurora do fogo  
e de violência.*

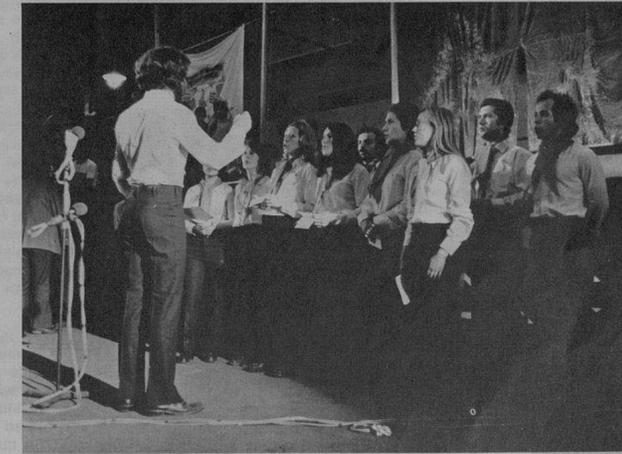
*Oh, Paz!  
Minha papoila nua  
que te ergues por detrás  
da Grande Muralha,  
que és suspiro  
onde o metal é fundido  
onde a terra é revolvida  
onde a traveira batalha,  
que és filha  
da guerra e do sangue  
que és corpo  
sereno e vivo  
onde a maturidade  
se assemelha  
à brisa alegre e fresca  
que agita os olivais.  
A tua morte é provisória  
porque é sono, cegueira e fome  
porque é vida, dor e sobressalto  
porque é todo um corpo  
que se ergue  
como um rio  
que rebenta com as muralhas.  
Es certeza  
porque és a vontade  
de dois irmãos  
que se acolhem  
num abraço tão carnal  
que nem a distância  
de Angola a Portugal  
pode impedir que os teus pomares  
floresçam embebidos de cor.*

*Oh, Pão!  
Tu que és vida  
nesses cemitério amarelo  
que tens por sepultura  
a plantação alentejana,  
a tua ausência é dura,  
é dor e agonia,  
é denúncia  
e acusação  
duma classe sanguinária,  
duma fome secular  
duma luta  
a corpo erguido  
dum pensamento  
que anima o homem novo  
duma vontade  
que sempre brilhou nos olhos  
daquela ceifeira grávida  
que com o seu sangue regou  
as searas que já se agitam  
Oh, Terra!  
Tu, filha do Sol,*

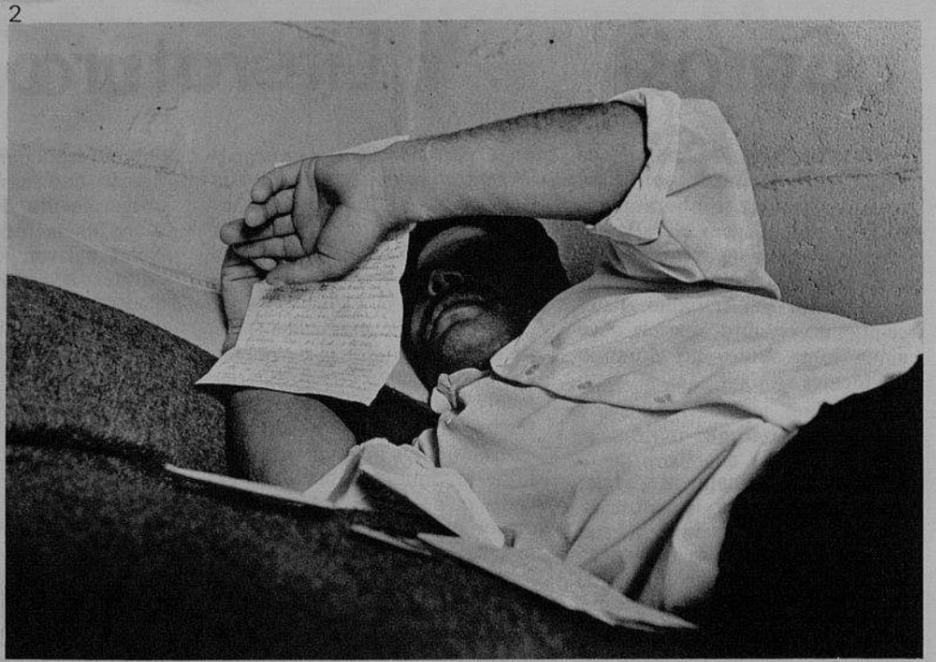
*que amamentas os povos,  
que és sepultura gelada,  
que és celeiro  
duma fome que vai findar,  
tu és uma harpa  
que se contrai em cinco cordas  
que reproduz  
sons incendiados  
pelas chamas daqueles  
que te revolvem  
que te modelam  
numa sinfonia  
onde a seca rega os lábios  
desse músico  
que ergue nesse amanhecer futuro  
a nobre vontade de todos os que te  
tocam*

*ao trocar o arado pela baioneta.  
Tu que és sepultura  
do corpo magro  
da flor murcha  
dum rio de mivens,  
tu que acolhes  
as melhores sementes:  
os combatentes da liberdade,  
tu que és trincheira  
duma luta que renasce  
voltada a pertencer  
aos braços modelados  
pelo esforço de te abraçar  
onde corre o sangue  
que se há-de derramar  
na luta pela posse  
dessa fonte de abundância  
onde não de passar  
os tractores da comuna popular.  
Oh, Independência!  
Tu que és grito  
em cânticos rasgados  
entoados pelos povos,  
tu que agitas  
num turbilhão de firmeza  
as fronteiras dum país,  
que és o punho erguido  
contra os lastros estrangeiros,  
que és a firmeza da caminhada  
daqueles que de ti se aproximam  
com uma vontade comum:  
dar-te a vida que comprometa,  
hoje das Lages a Beja  
amanhã de todo o planeta  
todo o domínio estrangeiro  
que pelas suas formas comuns  
levanta com heroísmo  
os povos do mundo inteiro.*

*Ouvem-se já os tambores  
anunciando uma nova época.  
Rodopiam os ventos  
de norte a sul do país,  
agitam-se as florestas e os campos,  
é terra cá e a raiz,  
sobem as aves ao céu  
desafiando os limites das águas,  
a noite cobre com um véu  
os pedregos que já batalham.  
Os rios abatem as muralhas  
os ventos sopram cada vez mais  
dos pântanos saem centauros  
dão-se novas batalhas  
dão-se novos venavais.  
As massas trabalhadoras  
inundam todas as ruas  
marchando com firmeza  
para que sejam sempre suas  
as cinco bandeiras de sangue  
desfraldadas no Programa  
do blindado proletário  
que há-de conduzir à vitória  
o povo revolucionário.  
Marchemos  
com firmeza  
com cadência  
pelas nossas cinco bandeiras de sangue:  
Liberdade, Paz, Pão, Terra e  
Independência!*

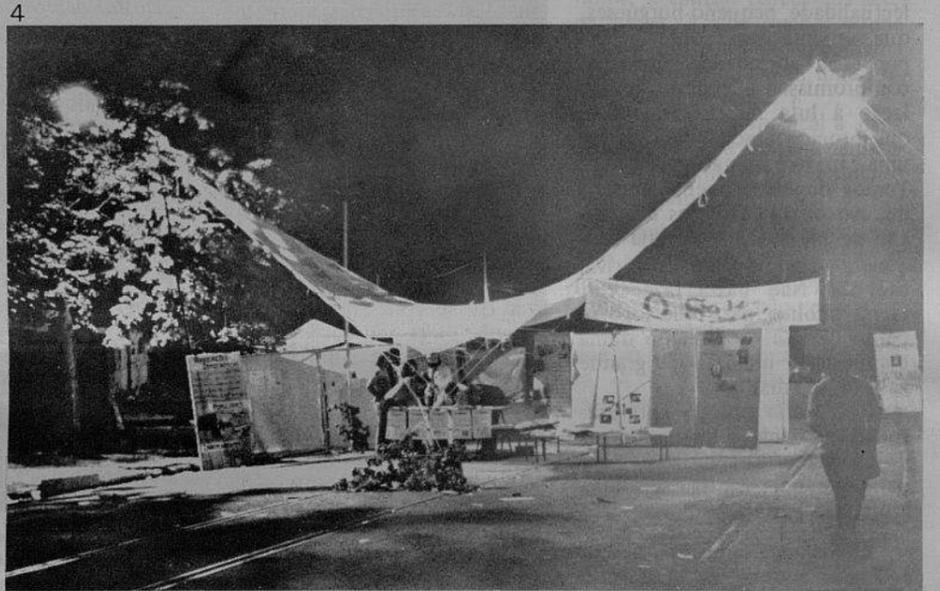


# I Jogos Florais



1. 1.º Prémio de Fotografia atribuído à Brigada Aurora

2. 2.º Prémio de Fotografia atribuído a Laura Torres. Trata-se de uma imagem do filme «Emigrantes Portugueses».



- 3. Aspecto da exposição fotográfica do PAIGC
- 4. Aspecto do pavilhão d' «O Salto»
- 5. Conjunto Típico «Os Emigrantes»
- 6. O Rancho Infantil do Centro Recreativo dos Portugueses de Bourges
- 7. O Rancho Folclórico de Franconville

## Pavilhões

Durante os três dias em que decorreram os I Jogos Florais Portugueses na emigração, milhares de pessoas tiveram ocasião de visitar, no recinto da *Cartoucherie de Vincennes*, os pavilhões das seguintes organizações e associações:



O SALTO, NOVAPORT (Agência Noticiosa Popular de Portugal), PROLIBRIS (Difusão do Livro), Comité de Desertores Portugueses de Estocolmo, Comité de Apoio aos Desertores e Refractários Portugueses (França), SVP - Socorro Vermelho Português, Liga Contra o Imperialismo (Alemanha), OLP - Organização de Libertação da Palestina, Associação de Apoio aos Povos sob Dominação Colonial Portuguesa, CACF - Comités para a Anulação da Circular Fontanet, AAFC - Amizades Franco-Chinesas, CLAJ - Clubes de Convívio e de Acção da Juventude (França), GISTI - Grupo de Informação e de Apoio aos Trabalhadores Emigrados (França), MNSPI - Movimento Nacional de Apoio aos Povos da Indochina (França), Associação dos Marroquinos em França, CIP - Comités Indochina-Palestina, MTPE - Movimento dos Trabalhadores Portugueses Emigrados, Centro de Convívio Outubro, Exposição Fotográfica do PAIGC - Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde.

# Portugueses

## Os premiados

### TEATRO

1. *A Mãe* - pelo Grupo de Teatro «José Gregório»  
*Que Fazer* - pelo grupo de teatro da Associação Resistência e Trabalho (Holanda)
3. *O Emigrante* - pela Associação dos Trabalhadores Portugueses da Aglomeração Lionesa

*Prémio de Interpretação Feminina* - Rosa Paiva  
*Prémio de Interpretação Masculina* - Vasco Fernandes

### COROS

2. *18 de Janeiro* - da Comissão Cultural e Recreativa de Bruxelas

### CINEMA

1. *Emigrantes Portugueses* - do grupo Cinearma

### UTPE-SOLIDARIEDADE

1. *Loreta e os Outros* - filme do cineasta francês Dominique Dante

### LITERATURA - POESIA

2. *5 Bandeiras* - poema de Manuel de Souza
3. *Alentejo 62* - poema de José Duarte

### Menções Honrosas

*O Espingarda* - poema de Zé Mau  
*Venho de Longe* - poema de Gil Nave

### RANCHOS

1. *Rancho Infantil* - do Centro Recreativo dos Portugueses de Bourges
2. *Rancho Folclórico* - da ASTI de Franconville

### CONJUNTOS TÍPICOS

2. *Os Emigrantes* - Conjunto Típico de Vierzon

### GAITA DE BEIÇOS

2. Um Sócio do Clube de Jovens Trabalhadores Portugueses de Paris

### FOTOGRAFIA

1. *Brigada Aurora* - pela foto da peça «Catarina»
2. *Laura Torres*

## Outras actuações

*Vô Vietnam* - praticado pelos amadores desta arte marcial do Povo do Vietnam.  
*Los Nativos del Paraguay* - que interpretaram música e canções populares da América Latina.

*Conto Vietnamita* - peça de teatro para crianças apresentada pelo *Théâtre du Soleil*.  
*A Lua Vai Nascer* - peça de teatro apresentada pelo Centro Recreativo dos Portugueses de Bourges.

*Manuel Freire, Jorge Manuel, Gabriel Raimundo, José Mário Branco, Laureano C. Santos, Sila e Fernando Marques* - cantaram canções antifascistas e declamaram vários poemas.

*O Homem* - peça de teatro apresentada pelo Encontro Português de Puteaux.

*Pois, Pois* - filme belga sobre a emigração.

*Orquestra Marroquina* - interpretou várias músicas populares do Marrocos.

*Elisa Serna e Larzabal* - cantaram várias canções antifascistas espanholas e bascas.

*Baile* - animado pelo conjunto *Os Lanças*, do Centro Português de Neuss (Alemanha).

### ENCERRAMENTO DOS I JOGOS FLORAIS PORTUGUESES NA EMIGRAÇÃO

Entrega dos prémios aos vencedores dos vários concursos - música, teatro, literatura, ranchos, etc, etc - e dos vencedores da Taça da União, da Taça da Amizade e do Prémio do Desportivismo.

## Futebol

Acabam de se realizar os I Jogos Florais e com eles a *Taça da União* de futebol.

Na emigração, apesar da existirem em grande número, as associações de trabalhadores portugueses que praticam o futebol caracterizam-se, sobretudo, por se encontrarem isoladas umas das outras, muitas por nem sequer se conhecerem e outras por se perderem num clubismo ferrenho que só leva a criar rivalidades destrutivas.

Ao organizar a *Taça da União*, o MTPE procurou, antes de tudo mais, apagar as fronteiras existentes, entre as associações, para, assim, trazer as associações umas às outras e fazer do desporto um primeiro passo em direcção a outras actividades em comum.

Em seguida, firme na sua confiança que cada vez mais o desporto se transformará num verdadeiro encontro de confraternização entre os trabalhadores, o MTPE salientou o papel do *Prémio do Desportivismo*, tornando-o o prémio mais prestigioso da *Taça da União*.

No primeiro plano registou-se um autêntico sucesso. Só na região de Paris juntaram-se nada menos que dez equipas, em duas séries, com vistas a conquistar o direito de defrontar os representantes vindos da Holanda, da Bélgica, da Alemanha e da Suécia na fase final. Foi a primeira vez que tão elevado número de equipas se reuniram. Os frutos de uma tal confraternização apenas começam a materializar-se e não deixarão de se multiplicar a curto termo.

Quanto ao desportivismo seríamos sonhadores se esperássemos que as rivalidades acabassem dum momento para o outro, enfim, que todos os maus hábitos herdados do desporto burguês e capitalista desaparecessem num abrir e fechar de olhos.

São essas, certamente, as razões que estiveram na origem dos incidentes ocorridos no jogo da final entre o *Place d'Italie* e o *St. Germain-en-Laye* onde, perante a benevolência incompreensível do árbitro e do Júri, houve um «excesso de entusiasmo» por parte de alguns jogadores do *Place d'Italie*. Creemos que o Júri, naquelas circunstâncias, não deveria ter atribuído o prémio com base no facto de que não tinham sido

cumpridas as normas desportivas que animaram até aquela altura a *Taça da União*.

Contudo, os jogadores e os adeptos de cada equipa cada vez mais se apercebem que a vitória ou a derrota são passageiras enquanto que o essencial é que somos todos trabalhadores emigrados e que temos todo o interesse em nos unirmos.

Finalmente, não devemos esquecer que a *Taça da União* foi uma parte dum todo - os I Jogos Florais. Em conjunto com o desporto também se trabalhou muito para desenvolver uma cultura popular. Assim, ao mesmo tempo que os jogadores do *Place d'Italie* e do *St. Germain-en-Laye* conquistavam o direito de se defrontarem na final, muitos outros trabalhadores emigrados desenvolviam no Parque da Cartoucherie outras actividades. Os meios de expressão eram outros - o teatro, a poesia, a música, etc - mas tal como os desportistas o seu fim era o mesmo: o de enriquecer os I Jogos Florais através do seu esforço creativo, de modo a fazer avançar o desporto e a cultura popular na sua marcha irresistível.

### PARIS

#### ZONA A

- 1 - Associação dos Portugueses da *Place d'Italie*
- 2 - Clube dos Jovens Trabalhadores Portugueses de Paris
- 3 - Encontro Português de Puteaux (A)
- 4 - Foyer de Nanterre
- 5 - Etoile Paris e Benfica

#### ZONA B

- 1 - Associação dos Portugueses de *St. Germain*
- 2 - Os Portugueses do XV<sup>e</sup>
- 3 - Villeneuve la Garenne
- 4 - Encontro Português de Puteaux (B)
- 5 - Desporto e Cultura

### PRÉMIO DO DESPORTIVISMO

*Clube dos Jovens Trabalhadores Portugueses de Paris*

### TAÇA DA AMIZADE

*Villeneuve la Garenne (vencedor)*

### TAÇA DA UNIÃO

*Place d'Italie 3*  
*St. Germain 3*



Equipa de futebol do C.J.T.P.P., Prémio do Desportivismo

## Grande festa popular

continuação da p.1

transformando, pouco a pouco, numa pequena aldeia agradável e acolhedora, centro de são convívio e de camaradagem entre os que aqui trabalharam afincadamente. Sim, porque tem-se trabalhado bem! - mas com prazer, pois sabe-se de antemão que o proveito do trabalho produzido reverterá sobre e só sobre todos os trabalhadores!

Porém, por maior que fosse a azáfama, havia sempre uma oportunidade para confraternizar, um tempo livre dedicado ao convívio. Era uma necessidade. Este foi um aspecto determinante no clima de trabalho que se gerou.

É o abraço fraternal do camarada que numa associação trabalha devotadamente para levar a bom termo a luta comum que movemos contra os agentes do fascismo e demais correntes antidemocráticas na emigração, pelo triunfo da cultura e desporto populares, enfim, pelos objectivos fundamentais do nosso Movimento. É o camarada já conhecido de Portugal a quem o capitalismo internacional levou para outras paragens diferentes das nossas vender a sua força de trabalho. É também o curto diálogo sobre as últimas medidas repressivas tomadas pelos governos burgueses para com os emigrantes e a classe operária em geral. É, afinal de contas, a troca de experiências entre camaradas e amigos irmanados na mesma luta.

Durante 3 dias foi a festa! Mais de 5.000 trabalhadores passaram pela pequena aldeia da *Cartoucherie de Vincennes*, num movimento estonteante de vaim contínuo entre os diferentes locais onde tinham lugar as

realizações culturais e de convívio: agora era o coro no teatro do *Acquarium*; depois podia ser ou o rancho folclórico e o conjunto típico num dos palcos ao ar livre, ou o filme na Creche ou a peça de teatro na sala de teatro do *Soleil*; e depois podia ser ou a peça no teatro da *Tempête*, ou uma outra peça no teatro do *Acquarium* ou canções e declamações ao ar livre, etc; e à noite havia mais canções e baile. E ainda havia a exposição de fotografias na sala de entrada do teatro do *Soleil*, e o futebol, e os pavilhões. Enfim, era um não mais acabar de solicitações.

E se as realizações culturais e de convívio atraíam os visitantes, o que é certo é que estes demonstraram um interesse inequívoco pelos numerosos pavilhões das associações e das organizações amigas convidadas, visitando-as demoradamente, interpellando e sustentando animadas conversas com os colaboradores que neles se encontravam, comprando as várias publicações expostas para ainda, consultando outras, pedir uma qualquer informação.

Assim, no pavilhão da *NO-VAPORT*, onde se apresentava a preciosa exposição *42 Anos de Imprensa Operária e Popular*, no d' *O SALTO* que registou grande movimento, no da *PRCLIBRIS* que fazia especial sucesso com a recém-nascida *Seara Vermelha*, no do *Comité de Desertores Portugueses de Estocolmo* e do *Comité de Apoio aos Desertores e Refractários Portugueses de França* que atraíram grande número de rapazes, no do *Socorro Vermelho Português* que reunia sempre um elevado número de trabalhadores que se concentravam em frente

do pavilhão para comprar alguma rifa para o sorteio do Ratinho, no do *Movimento dos Trabalhadores Portugueses Emigrados (MTPE)* onde se expunha um amplo e importante estudo sobre a emigração portuguesa, como nos restantes pavilhões, aliás, o ambiente foi de permanente curiosidade, de constante entusiasmo.

Artistas populares empenhados em apresentar o seu trabalho mais dignificado possível, trabalhadores empenhados em prestar justiça ao valor artístico das obras populares apresentadas, todos num ambiente de alegria, procuraram fazer dos I Jogos Florais Portugueses na emigração um grande encontro de convívio e uma grandiosa reunião cultural que ficará na história do Movimento dos Trabalhadores Portugueses Emigrados.

Resultado do esforço colectivo de quantos se empenharam firmemente no levantamento desta obra, ali, no mesmo local onde funcionou em tempos uma fábrica de material de guerra, onde se produziam as armas com que as burguesias da Europa enviavam os trabalhadores degladiarem-se, em único proveito dessas burguesias que se partilhavam o mundo, ali, durante 3 dias, voltaram a reviver-se as tradições bélicas da *Cartoucherie!* Também foi uma batalha, numa guerra sem tréguas; esta que se travou em Vincennes! Foi uma batalha da longa guerra que opõe, no campo da luta ideológica e cultural, os trabalhadores e a sua cultura revolucionária e libertadora, à burguesia e à sua cultura reaccionária, decadente!

# Melun - 2.ª RIA

continuação da p.12

que os múltiplos problemas comuns a toda a emigração. O espírito regionalista não luta pela unidade das massas emigradas e recusa-se a compreender que as experiências da luta dos trabalhadores em cada região devem ser analisadas, sintetizadas e levadas ao conhecimento dos trabalhadores de toda a emigração.

4 - As tendências regionalistas vão par a par com as tendências pequeno-burguesas corporativistas e economicistas no seio do nosso movimento.

(...)

5 - Que «O Salto», não sendo o órgão do movimento, mas sim o órgão de um colectivo de pessoas simples ou colectivas, tem, ao longo de quase três anos de

7 - Que o apoio ao desenvolvimento deste órgão e a luta pela sua divulgação são importantes fracções do combate entre as forças do progresso e as da reacção no seio do nosso movimento e que a sua fraca implantação nas associações independentes, democráticas e populares deve ser considerada como uma das principais razões das suas fraquezas, existência, sidó o veículo de expressão das aspirações do movimento associativo e o seu organizador colectivo.

Para além disto o jornal dos trabalhadores portugueses emigrados tem uma posição clara sobre as questões fundamentais apontadas no ponto 1, tem sabido levá-las a todas as camadas das largas massas emigradas.

## A luta antifascista

«No momento em que se assiste a uma grande contra-ofensiva dos agentes do fascismo na emigração e de outras correntes anti-democráticas, fruto da luta do MTPE desde a sua formação, torna-se necessário ao movimento associativo independente, democrático e popular reforçar a sua unidade e estar vigilante em relação às manobras dos seus inimigos.»

Analisando depois as tentativas dos fascistas na França, na Holanda, na Bélgica, no Luxemburgo e na Alemanha, para formarem associações ou controlar as existentes, a moção refere-se a «outras correntes hostis ao MTPE, nomeadamente de certos dirigentes reformistas que preten-

dem sem sucesso, fazer sombra ao nosso Movimento.

«Também aqui a nossa posição deve ser intransigente no combate a essas correntes, pois dessa luta só sairemos reforçados.»

A moção conclui afirmando: «O MTPE deve dedicar uma especial atenção a esta luta, pois deve estar consciente que, arrancando à influência dos dirigentes fascistas e outros as largas massas de trabalhadores emigrados a eles submetidos, o movimento independente, democrático e popular se reforçará. Ela é um passo decisivo para a criação da União dos Trabalhadores Portugueses Emigrados.»

## A mulher emigrada

A 2ª Reunião Inter-Associações, tendo em consideração a situação de exploração e opressão desenfreada em que se encontra a mulher portuguesa emigrada, explorada não só pela burguesia como também no seio da própria família,

Tendo em consideração o atraso ideológico e político e a passividade das mulheres emigradas, fruto da repressão particular e milenária de que são vítimas,

Decide:

1) Criar uma secção de mulheres portuguesas emigradas junto da Comissão Permanente do MTPE

Apela: que as associações independentes, democráticas e populares favoreçam, através da criação de secções de mulheres, a plena integração destas camaradas na luta pela criação da União das Mulheres Portuguesas Emigradas.

## A cultura e o desporto populares

O longo e paciente trabalho que deve ser efectuado para reforçar a união dos trabalhadores portugueses emigrados, a continuação do desenvolvimento harmonioso do movimento associativo progressista e a intensificação do combate ao obscurantismo a que nos tentam votar os agentes do fascismo, passa inevitavelmente pela criação duma frente cultural antifascista e popular.

Assim, deveremos continuar e melhorar o trabalho de propaga-

ção e defesa intransigente da cultura popular.

Por outro lado, devemos igualmente, como foi expresso na 1ª RIA, trabalhar para o desenvolvimento do desporto popular, factor importante e arma de peso no combate que movemos contra as tentativas cada vez mais pífidas do fascismo para controlar as nossas associações e clubes desportivos. Este trabalho é também um óptimo meio de contribuir para o alargamento das laços de amizade entre os trabalhadores portugueses emigrados.

# CARNAVAL EM OUTUBRO ...

continuação da p.1

todos os farsantes duma eventual investida do público, ergue-se uma barricada de arame farpado. Mas para completa tristeza dos actores, em particular dos da «oposição» o público não compareceu! Com efeito, apesar dos esforços porfiados dos organizadores do espectáculo, apesar de toda a propaganda feita desde o princípio do ano no sentido do povo comparecer em grande número para assistir à representação na qual punham tantas esperanças de sucesso, as massas populares mostraram uma total indiferença. Só se vislumbra, lá para um canto da sala, uma meia dúzia de pessoas, possivelmente familiares e conhecidos dos actores, ou então indivíduos despistados, vagabundos que não tendo outro sítio para onde ir, ali estão a matar o seu tempo, a dormir a sua soneca.

Demonstrando uma perseverança que se é levado a classificar de ridícula, os actores da farsa não arredam pé de cena. Para os «accionistas» o problema é simples: aquilo é uma encenação que convém fazer para calar as bocas do mundo «democrático» que clamam por «eleições, eleições!» e portanto faz-se. Mas do outro lado as reacções ao fiasco são mais delicadas. Há lágrimas nos olhos de alguns senhores economicistas e arquitectos e outros! Afinal de contas, todos os «riscos» que tinham corrido para estar na primeira linha da festa e se candidatarem ao estrelato não serviram para nada! Contudo, lá no fundo, eles ainda acreditam que alguma coisa de interessante pode acontecer. Compreende-se, há 4 anos já que eles preparavam esta peça! Não é assim de um momento para o outro que se abandona a obra em que durante tanto tempo se trabalhou tão afanosamente e com tanto carinho! ... 1

De qualquer modo, razões mais fortes que a desilusão ou o despeito levam a que o espectáculo continue. Eis que a companhia de teatro dos «oposicionistas» toma o centro do palco, dispõe os seus actores em semi-círculo e começa a apresentar o seu programa. Os olhos dos pides brilham, as suas orelhas espetam-se. Há palhaços, equilibristas, malabaristas, ventríloquos, há canções de protesto, saltos no trapézio, provas de destreza e piroetas no meio dos discursos recheados de promessas floridas e de belas reformas. Na primeira fila da plateia alguém se levanta e grita bem alto: «fora com os falsos amigos do povo! as vossas reformas só servem para tornar mais eficaz a exploração dos trabalhadores para que vocês, capitalistas, obtenham ainda maiores lucros! abaixo os exploradores do povo, sejam fascistas ou sejam «liberais!» ...» E mais nada conseguiu dizer porque entretanto uns sujeitos à paisana com ar de gorilas, deitaram-lhe a mão. No final desta sua intervenção e passando por cima deste incidente, os «oposicionistas», algo excitados, resolvem fazer um cortejo à volta do palco. Mas aí intervêm as forças da ordem, os polícias, os pides, etc., dizendo que já chegava, que já tinham mostrado suficientemente as suas habilidades e que agora era a vez da outra companhia entrar em cena. 2

Os «oposicionistas» retiram-se melancolicamente para um canto e os «accionistas» avançam decididos até ao centro do palco. Enfadonhos, repetindo números já de há muito conhecidos de todos, metendo cabeçudos, fantoches, cães polícias, gorilas e outros animais amestrados, grande parte dos actores vestindo ainda a farda antiga e já gasta do corpo especial, nazi-fascista, das sentinelas de primeira linha, guardiães do mundo do capital, esta companhia dos «accionistas» não conseguiu interessar ninguém a não ser eles próprios e os seus lacaios. O espectáculo só despertou um bocadinho do marasmo em que sempre decorreu quando o primeiro bailarino, grande estrela da companhia, numa versão original, se pôs a dançar a obra ultra-reaccionária «Elogio ao Fascismo». 3

De repente, como que de im-

provisto, vindos do meio dos farsantes, saltam para a boca da cena alguns antigos combatentes do «ultramar» que começam a fazer um chinfrim tremendo e a incentivar os «accionistas» a serem implacáveis na repressão das forças anti-fascistas e intransigentes na defesa da pátria imperialista, a pátria dos colonial-fascistas que exploram e oprimem os povos das colónias ao mesmo tempo que assassinam os seus elementos mais combativos. Alguns dos seus colegas «accionistas» intervêm, falam com eles e os ânimos são sossegados, claro. 4

E é assim que termina o 1.º acto desta peça.

Entretanto, atrás do palco, nos bastidores, o quadro é bizarro. Os encenadores e as equipas técnico-administrativas de ambas as companhias, rivais de longa data, dizem por aí, discutem amigavelmente os últimos pormenores daquela representação comum, seguindo à risca, naturalmente, as directrizes que lhes foram dadas pelos dois grupos de empresários interessados no negócio.

Estes, num salão alcatifado e luxuosamente mobilado situado lá mesmo para o interior do Palácio de S. Bento, repimpados em sofás, fumando grandes charutos, sorridentes, preparam-se para fazer uma saúde. Erguem as suas taças de cristal onde brilha um líquido cor de ouro e dizem hipocritamente: «ao Capital!»

Porém, cá fora, na fábrica ou no campo, na escola também, elementos progressistas organizam-se em Comissões Anti-Eleitorais (CAE) e preparam-se para desencadear um ataque cerrado que desmascare em toda a linha a burla eleitoral, que combata o eleitoralismo e que deite por terra as pretensões de todas as forças do Capital, transformando esta investida da reacção numa grande derrota do fascismo e do reformismo e em consequência, numa importante vitória das forças populares.

1. Estamos a referir-nos aos doutores como Pereira de Moura, aos arquitectos como o sr. Teotónio Pereira e outros cedeístas e ceudístas que logo no dia 1 de Janeiro deste ano de-

ram sinal de si, após durante 4 anos se terem absto de participar em qualquer actividade política pública. De facto, foi assinalada a presença destas duas prestigiosas personalidades na manifestação anti-colonialista que teve lugar na capela do Rato.

2. Como já noticiáramos no último número d'«O Salto», nos primeiros dias de Abril, mais precisamente de 4 a 8 de Abril, decorreram em Aveiro os Trabalhos do III Congresso da Oposição Democrática.

Perante a benevolência das autoridades fascistas, só compreensível por estas saberem muito bem que a acção que os «liberais», os social-democratas e os outros reformistas poderiam desenvolver não lhes seria nefasta, e que pelo contrário até fazia o seu jogo eleitoral ao favorecer a imagem pretendida de «eleições» a sério, onde as diferentes tendências podem ser discutidas: «livremente», algumas pessoas tiveram a ingenuidade incrível de se expor aos olhos e ouvidos da Pide apresentando programas e defendendo posições anti-fascistas e anti-reformistas.

Esta é uma situação, conforme «O Salto» já explicou no seu número anterior, completamente distinta daquela em que se encontra o jornal. Efectivamente, «O Salto» existe no estrangeiro e não em Portugal. Nesta circunstância, é correcto tentar utilizar todas as tribunas permitidas pela legalidade fascista, as da própria burguesia, portanto, para fazer ouvir a voz dos trabalhadores e combater o fascismo e o reformismo. Foi de acordo com este princípio que o jornal enviou ao referido Congresso o documento intitulado «Pela Democracia Popular».

3. Em Tomar, de 3 a 6 de Maio, 1 600 membros da ANP reuniram-se para discutirem - para mistificarem - alguns dos problemas mais importantes da vida política, social e económica portuguesa e em particular, para continuarem os trabalhos de preparação e propaganda com vista às próximas «eleições» legislativas, iniciados oficialmente o ano passado, em Sintra. Marcelo Cactano mostrou-se, mais uma vez, o «grande teórico» do actual regime.

4. Dias 1, 2 e 3 de Junho, no Porto, realizou-se o «I Congresso dos Combatentes do «Ultramar»», promovido por indivíduos ultra-reaccionários, verdadeiros nazis, e que teve por objectivo definir uma base de programa eleitoral que preconiza os métodos mais violentos de repressão contra as forças anti-fascistas. Em particular, há disposições especiais contra o terrorismo urbano e a luta anti-colonial.

## Editorial

continuação da p.1

para estreitar os laços com os trabalhadores e anti-imperialistas dos países para onde emigramos que estiveram presentes em Vincennes através dos pavilhões que apresentaram.

O longo trabalho para fazer triunfar no desporto popular o princípio de «amizade primeiro, competição em seguida» continuou com a realização da Taça da União de futebol.

Como foi possível às associações de trabalhadores portugueses emigrados, há só um ano e meio reagrupadas em torno do Movimento dos Trabalhadores Portugueses Emigrados, pôr de pé uma tal manifestação eminentemente popular.

Tal não se passou sem luta, luta contra aqueles, poucos, que dominados pelo abominável espírito derrotista do «velho do Restelo» diziam: «não vamos ser capazes»; luta contra os que não compreendiam a tarefa grandiosa que estavam a fazer e não se animavam do espírito de luta necessário; luta contra aqueles, raros, que perante tamanha tarefa desistiram.

Mas o que resultou foi que a maioria das associações e dos seus colaboradores compreenderam a importância de que se revestia esta luta e se mobilizaram para realizar os Jogos, saindo vitoriosos do combate. A disciplina e o espírito de sacrifício e luta da maioria abre-nos perspectivas raras na construção da União dos Trabalhadores Portugueses Emigrados!

Alguns camaradas ao fim destes Jogos diziam: «...mas houve falhas!» Evidentemente que houve falhas! De espantar seria que as não houvesse! Os Primeiros não podem ser tão bons como os Segundos e nem estes como os Terceiros!

Estes I Jogos Florais Portugueses, como primeira realização desta envergadura que o Movimento levou a cabo, serão certamente uma grande fonte de lições.

Nós estamos seguros que analisando atentamente estes Jogos o MTPE saberá retirar deles as lições necessárias para que os II Jogos Florais Portugueses na emigração sejam ainda melhores que estes primeiros.

# UNIÃO

Saiu o nº 1 do Boletim da União do qual constam, conforme vem no sumário e para além do Editorial, os seguintes textos:

- Algumas Ideias Erradas sobre o Movimento Associativo
- Emigração Associativismo e Radicalismo
- As Tarefas Actuais para a Realização dos I Jogos Florais Portugueses
- Em Luta pela Democracia Interna
- Como Bater um Stencil

Todos os pedidos de envio do boletim podem ser feitos para MTPE 56, rue de la Fontaine au Roi 75011 Paris

# le

## NOVAPORT

Lê o Boletim de Informação quinzenal de NOVAPORT. Para te informares de como o receberes escreve para NOVAPORT B.P. 4806 75261 - PARIS CEDEX 06

# guerra colonial

## Entrevista com Vasco Cabral

«O Salto» teve, recentemente, uma longa conversa com Vasco Cabral, membro do Bureau Político do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC).

Houve assim a possibilidade de abordar com pormenor uma série de questões importantes relativas quer às circunstâncias em que ocorreu o bárbaro assassinato de Amílcar Cabral, quer aos princípios que norteiam os camaradas guineenses no que diz respeito à sucessão no cargo de Secretário Geral do Partido, à unidade entre o Partido e as massas, ao incremento da luta, ao sistema de defesa anti-aérea e aos grupos clandestinos de acção nas cidades, à forma como está organizada a luta em Cabo Verde, à declaração de independência da Guiné-Cabo Verde, ao problema da negociação com os colonialistas portugueses, à posição do Partido em relação aos desertores e refractários portugueses e à luta do povo português contra a burguesia fascista que o explora e oprime.

Devido à extensão dessa conversa, «O Salto» limitar-se-á a transcrever algumas passagens das declarações feitas por Vasco Cabral. Brevemente, os cadernos «O Salto e a Cultura Popular», edição, na íntegra, a referida entrevista.

Sobre o assassinato de Amílcar Cabral, depois de ter reafirmado que este crime hediondo foi praticado por assassinos a soldo do colonialismo português, Vasco Cabral declarou que decorre actualmente um inquérito no fim do qual terá lugar o julgamento dos implicados no assassinato e que os culpados receberão o merecido castigo. Considerando que «... isto é para nós uma grande lição e que nos vai permitir estar mais vigilantes daqui para o futuro a fim de evitarmos novos erros», afirma seguidamente:

«Há uma firme unidade entre o Povo e o Partido, há uma sólida unidade na direcção do Partido. (...) O povo fez inúmeras reuniões condenando unânime e vigorosamente o criminoso acto que foi o assassinato do nosso Secretário-Geral, solidarizando-se com a direcção do Partido, manifestando a esta a sua total confiança e exigindo o castigo implacável de todos aqueles que perpetraram a morte do camarada Secretário-Geral.»

Sobre a ofensiva geral que os combatentes guineenses desencadearam recentemente contra as tropas colonialistas e referindo-se às acções vitoriosas contra a força aérea do colonialismo português, disse o nosso interlocutor:

«(...) Além disso, montámos todo um sistema de defesa anti-aérea e através dele conseguimos bastante sucesso num domínio novo da nossa luta, a luta anti-aérea. Antes, abatíamos aviões de vez em quando, com os meios disponíveis — já dispúnhamos de algumas armas anti-aéreas —, mas agora temos todo um sistema montado, em todas as frentes. Abatemos 10 aviões desde 23 de Março até 6 de Abril e isso é muito importante. Os aviões eram, até há pouco, a única arma segura com que os colonialistas portugueses contavam. Com os aviões podiam desembarcar em qualquer ponto da nossa terra nas regiões libertadas: vinham uma série de helicópteros apoiados por jactos e faziam descer as suas tropas em qualquer ponto do nosso território. Na realidade, eles não podiam manter-se de maneira nenhuma nas regiões libertadas pois imediatamente as nossas forças armadas os atacavam. Sim, os colonialistas não tinham capacidade para se manter, mas tinham capacidade para chegar a um ponto determinado e fazer um pouco de demagogia, falando mesmo às populações. O Spínola fazia isso, é verdade. Eles podiam fazê-lo porque nós não tínhamos armas anti-aéreas para impedir o apoio enorme que os aviões podiam dar ao grupo



da tropa que viesse. Mas actualmente já essa situação não se verifica.»

À nossa pergunta «e como evolui a situação em Cabo Verde?» respondeu Vasco Cabral:

«A situação em Cabo Verde não pode seguir a mesma marcha que se segue na Guiné, evidentemente. A situação em Cabo Verde parece a muita gente estática mas efectivamente não é. Nós temos registado grandes progressos na mobilização das massas em Cabo Verde. Através da nossa rádio nós fazemos uma intensa propaganda política, propaganda de esclarecimento, de formação que tem grande influência sobre o povo. Sabemos que o próprio facto de ter sido assassinado Amílcar Cabral, pessoa muito ligada, a Cabo Verde, cuja família era de Cabo Verde — embora ele tivesse nascido na Guiné —, foi uma coisa que impressionou muito todos os cabo-verdianos. Recebemos também muitas mensagens de gente que até então nem sequer tinham manifestado qualquer interesse pelo Partido. Isso tudo cria um clima novo. Além do mais nós temos organizado em Cabo Verde o nosso partido, clandestinamente. Em muitas cidades, nas zonas do mato, do campo, há organizações clandestinas do Partido. A perspectiva é, portanto, do desenvolvimento dessa situação até chegarmos à circunstância em que seja possível desencadear, lá também, a luta armada. O que faremos, naturalmente, se for absolutamente indispensável, isto é, se o governo português não se decidir a sentar-se connosco para negociar uma independência.»

Interessados em deixar bem clara a posição do Partido sobre o problema da negociação, pusémos no nosso entrevistado a questão que foi assim respondida:

«Nós consideramos que tudo aquilo que possa contribuir para parar a guerra, evitar mais sacrifícios, evitar mais mortes, mas preservando os interesses do nosso povo, podemos fazer. Um dos princípios de orientação do Partido, mesmo no desencadeamento da luta armada era sempre estabelecer planos de ataque ou de defesa de maneira a evitar o maior número possível de perdas. (...) Em relação à negociação, no princípio da nossa luta, nós preconizámos negociações com o governo português. Nessa altura ele era bastante forte — dominava todo o país —, estava convencido que dando-nos alguns golpes com as suas forças armadas o nosso povo pararia de continuar a manifestar o seu desejo de independência e pararia de lutar. Claro, enganou-se redondamente. (...) Não havia outra forma de correr com os colonialistas portugueses da nossa terra e tornarmos-nos um povo independente e livre senão pela luta armada — seguimos o caminho da luta armada. Nós somos forçados a fazer a guerra porque os colonialistas nos a impuseram. Queremos libertar o nosso povo da situação de miséria, de exploração e de obscurantismo criada pelo colonialismo português. E se hoje preconizámos a negocia-

ção é precisamente em consequência dos inúmeros sucessos que conseguimos. Chegámos a uma situação em que é evidente, mesmo para os colonialistas, que nós vamos libertar a nossa terra completamente e que eles são incapazes de deter a marcha da nossa luta. Se eles quiserem ser realistas, se eles quiserem evitar as perdas enormes que têm, nós, também para podermos evitar algumas perdas que, diga-se de passagem, são muito menores, estamos de acordo em negociar. Mas se eles não quiserem, continuaremos a luta. Temos todos os meios para o fazer, temos uma força cada vez mais poderosa, as nossas forças armadas são cada vez mais experimentadas e aguerridas, mais determinadas em chegar ao fim. Possuímos um armamento cada vez melhor, cada vez mais aperfeiçoado, mais moderno, e sabemos servir-nos dele cada vez melhor, de modo a tirar todo o proveito dele. Portanto, não há nenhum mal que nestas circunstâncias punhamos a negociação — e nós propomo-la, simplesmente se de facto ela for possível na base da concessão ao nosso povo do seu direito à auto-determinação e no reconhecimento de que temos, de facto, direito a ser um povo livre e independente. Isso pode poupar uma série de vidas. Mas se isso não for aceite, estaremos dispostos ao sacrifício de continuar a guerra até ao fim, até à expulsão definitiva dos colonialistas portugueses.»

«O Salto»: «Mas nunca abandonando as Ilhas de Cabo Verde.»

Vasco Cabral: «Não, não! O problema para nós é um só — Guiné e Cabo Verde é um só país! Tudo junto. O nosso Partido sempre lutou na base da unidade do povo da Guiné e Cabo Verde. Nós vamos continuar sempre nesta base. Se essa base é aceite, muito bem! Se não é aceite seremos forçados a continuar a luta, evidentemente. Naturalmente que pode haver modalidades — isso é um problema a discutir para se chegar a essa situação de independência total da Guiné e Cabo Verde. Mas nós não renunciamos de maneira nenhuma à libertação completa de Cabo Verde do jugo colonial! Queremos a total independência da Guiné e Cabo Verde! Esse o nosso objectivo, o objectivo pelo qual sempre lutou o nosso Partido! Essa é uma posição de princípio e nós não nos afastamos dela!»

«(...) Se for proclamada a independência da Guiné, nós falaremos sempre em nome da Guiné e Cabo Verde. O nosso Partido luta por um povo só que está nos dois territórios.»

«O Salto»: «Quer dizer, as Ilhas de Cabo Verde serão consideradas como parte ocupada do país.»

Vasco Cabral: «Absolutamente!»

A proclamação da independência da Guiné-Cabo Verde foi o assunto abordado em seguida. A este respeito transcrevemos algumas passagens do que então nós disse Vasco Cabral.

«O facto de nós proclamarmos

a independência tem importância, para poder traduzir do ponto de vista jurídico a realidade efectiva existente. Na nossa terra, desde há muito tempo que existem regiões libertadas onde construímos uma vida nova e onde temos um Estado, podemos mesmo dizer, um Governo. Toda a actividade que é desenvolvida é-o porque possuímos uma administração porque existe comércio, escolas, hospitais, serviços de produção, serviços de segurança, tribunais populares, prisões, etc. (...) Nós somos, de facto, o único e legítimo representante do nosso povo.»

«(...) Como Estado reconhecido juridicamente do ponto de vista internacional podemos fazer certos acordos com certos países — acordos de cooperação, para desenvolver o comércio, etc. (...) Por outro lado, o podermos participar numa Organização das Nações Unidas, em pé de igualdade com todos os outros Estados, o sermos reconhecidos também por todos esses países como um Estado soberano são coisas importantes.»

«Por outro lado, a proclamação da independência criará um entusiasmo novo uma alma nova, pois que esta vitória será um estímulo para continuar a luta até

à libertação total da Guiné-Cabo Verde.»

«(...) Finalmente, pela criação de um executivo nós poderemos tomar certas medidas de desenvolvimento do país numa base diferente daquela que temos tomado até aqui.»

E a conversa terminou com as seguintes declarações de Vasco Cabral:

«Nós sabemos que o povo português não quer a guerra. Temos conhecimento das inúmeras acções que têm sido feitas em Portugal contra a guerra, particularmente nestes últimos tempos, em que operários, camponeses, jovens e estudantes se têm manifestado com frequência contra a política colonial do governo português. O bárbaro assassinato do camarada Amílcar Cabral suscitou uma viva indignação em Portugal, onde foram desenvolvidas muitas acções para protestar contra esse crime monstruoso.»

«(...) A nossa política em relação aos desertores é acolhê-los sempre de braços abertos, como amigos. Nós apelamos para que todos os jovens digam firmemente não à guerra colonial! (...) É isto que pedimos aos jovens portugueses! Estamos convencidos que eles escutarão este apelo!

### GUINÉ

#### Dez aviões abatidos

O Partido Africano, para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC) publicou no passado dia 9 de Abril um comunicado que afirmava terem as forças armadas patrióticas da Guiné (Bissau) abatido, do dia 23 de Março ao dia 6 de Abril, 10 aviões das forças armadas colonialistas portuguesas e morto vários oficiais inimigos, no decorrer de operações conduzidas contra as tropas ocupantes.

O comunicado afirma: «A 6 de Abril, os patriotas guineenses abateram 5 aviões portugueses vindos de Bissau e que tinham por missão o reabastecimento de munições e a evacuação de cadáveres e feridos da guarnição de

Guidadje. Os patriotas destruíram depósitos de munições e outras instalações numa importante acção contra a trincheira das tropas coloniais portuguesas em Guidadje, na frente de Domingos-Sambaia, ao Norte da Guiné (Bissau).»

Anteriormente tinham sido abatidos 5 aviões (quatro dos quais já noticiados no número anterior do nosso jornal). Num destes aviões encontrava-se o coronel da aviação colonial-fascista, chefe operacional da região sul, José Fernando de Almeida Brito, que se notabilizara pelos crimes que cometera contra os gloriosos povos africanos em luta.

### MOÇAMBIQUE

#### Material para Cabora-Bassa

Segundo o jornal argelino «El Moudjahid» um comboio que transportava material para a construção da barragem de Cabora-Bassa foi completamente destruído pela explosão de uma mina, colocada pelo patriotas da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), perto da estação de Mecito, a 480 quilómetros ao norte da Beira.

As duas locomotivas e os dezasseis vagões que formavam a composição foram, depois da explosão, sujeitos ao fogo cerrado

dos patriotas que aniquilaram todos os soldados do exército colonial-fascista que faziam serviço no comboio.

A FRELIMO desde o início da construção da barragem, onde os colonialistas portugueses e o imperialismo internacional tem investido milhões de escudos, tem atacado por todos os meios e denunciado perante o mundo o crime que tal projecto representa para os povos de África e, muito particularmente, para o povo de Moçambique.

#### CONTACTA O COMITÉ DE APOIO AOS DESERTORES E REFRACTÁRIOS PORTUGUESES

- Se estás em França por teres recusado fazer a criminoso guerra colonial;
- Se por isso, tens dificuldades na tua regularização aqui em França;
- Se desejas apoiar os desertores e refractários portugueses;

Dirige-te às Permanências do Comité:

Quartas-feiras: das 18 às 21 h.	Sábados: das 18 às 20,30 h.
Sábados: das 16 às 20 h.	
127, Rue St. Maur - Paris XI	174, Rue Championnet Paris XVIII
Metros: GONCOURT COURONNES	Metro: GUY MOQUET

# 2ª REUNIÃO INTER-ASSOCIAÇÕES

## — MELUN, 21 A 23 DE ABRIL

Com a presença de cerca de 40 delegados de 14 associações independentes, democráticas e populares realizou-se em Melun, França, nos dias 21, 22 e 23 do passado mês de Abril a 2ª Reunião Inter-Associações do Movimento dos Trabalhadores Portugueses Emigrados.

Estavam representadas, a título de membros do MTPE com direito a voto, as seguintes associações:

Associação Franco-Portuguesa de Grenoble (França), Associação Resistência e Trabalho (Holanda), Associação dos Trabalhadores Portugueses da Aglomeração Lionesa (França), Centro Cultural e Recreativo de Bruxelas (Bélgica), Clube dos Jovens Trabalhadores Portugueses de Paris (França), Encontro Português de Puteaux (França), Liga Portuguesa do Ensino e da Cultura Popular (França) e «O Salto».

Convidados pela Comissão Permanente do MTPE, estavam presentes a título de observadores, representantes de associações independentes, democráticas e populares de Bourges, Bourg-la-Reine e Champigny (todas da França), Neuss e Karlsruhe (ambas da Alemanha).

Sob a égide dum grande emblema do MTPE e de cartazes onde estavam inscritas as palavras de ordem que devem orientar o MTPE no próximo ano associativo, procedeu-se a uma curta sessão de abertura a que se seguiu a eleição dos membros da mesa que dirigiria a reunião.

Os trabalhos iniciaram-se com a leitura e discussão do Informe da Comissão Permanente cessan-

te do MTPE sobre a actividade associativa em 1972-73 e com a leitura dos relatórios das associações presentes sobre as actividades por si desenvolvidas e as perspectivas que se lhes abrem.

Debatido e aprovado o Informe da Comissão Permanente e discutidos os diferentes relatórios a 2ª Reunião Inter-Associações dividiu-se em 3 comissões encarregadas de estudarem e elaborarem as conclusões da assembleia sobre: 1) Programa e Regulamento do Movimento dos Trabalhadores Portugueses Emigrados para o ano de 1973/74; 2) a imprensa democrática e popular na emigração; 3) os Jogos Florais Portugueses na emigração e a Federação Desportiva do MTPE.

Desde a noite do dia 22, altura em que as três comissões terminaram os seus trabalhos, até ao fecho da reunião, as associações debateram e aprovaram várias alterações ao Programa e ao Regulamento, e apreciaram e votaram igualmente as conclusões das restantes comissões.

Procedeu-se depois à eleição da nova Comissão Permanente que ficou a ser constituída por um Presidente, um Secretário-Geral, um Secretário Interno, um Secretário de Propaganda, um Secretário Cultural, um Secretário Social, um Secretário para o Desporto, um Secretário para as Mulheres e um Vogal.

A única lista concorrente, aprovada por unanimidade, foi proposta pelo Clube dos Jovens Trabalhadores Portugueses de Paris e pela Associação Resistência e Trabalho. Antes de encerrar os

trabalhos a 2ª RIA adoptou vários resoluções e aprovou uma mensagem internacionalista aos movimentos de libertação das colónias portuguesas, (MPLA, UNITA, PAIGC e FRELIMO).

Entre as saudações e mensa-

gens recebidas no início dos trabalhos salientam-se as dos movimentos de libertação atrás indicados e a do jornal «A Voz do Deserto» que foram vibrantemente aplaudidas pelos delegados presentes.

## O programa do MTPE

Eis as passagens mais importantes do Programa do MTPE para o ano 1973/74.

«O MTPE apoiará a luta popular em Portugal pela satisfação das aspirações básicas do povo português, ou seja, a Liberdade, a Paz, o Pão, a Terra e a Independência, consciente de que só a satisfação destas aspirações acabará com as condições que nos levam a emigrar, e satisfará a aspiração da larga maioria dos emigrantes: viver num Portugal livre da opressão e da miséria.»

### INTERNACIONALISMO

«1 — O MTPE deve analisar constantemente as contradições existentes no seio da classe operária e dos emigrantes para lhes dar uma justa solução;

2 — O MTPE constata que perante os constantes ataques do Capital contra o conjunto da classe operária, os trabalhadores emigrados e indígenas tendem a substituir a competição entre si pela resistência contra a burguesia;

3 — O MTPE combaterá resolutamente todas as teorias refor-

mistas tendentes a dividir a classe operária. Não compete à classe operária fazer o trabalho dos capitalistas que por necessidades políticas e económicas preconizam o controle da imigração. Ao controle da imigração pela luta para acabar com as leis especiais para emigrantes e o combate para que todos os proletários tenham os mesmos direitos;

4 — Frente às manobras social-chauvinistas dos patrioteiros dos sindicatos amarelos, o MTPE oporá o internacionalismo proletário.»

### A UNIÃO DOS TRABALHADORES PORTUGUESES EMIGRADOS

«O MTPE constata que a União dos Trabalhadores Portugueses Emigrados é uma necessidade para a defesa dos interesses específicos dos trabalhadores portugueses emigrados no seio do proletariado internacional e para que os trabalhadores emigrados possam prestar um efectivo apoio à luta popular em Portugal.»

«As condições para a criação

da UTPE são, pois, a existência de um programa e de uns estatutos federativos e a existência de associações independentes, democráticas e populares, representativas na maior parte dos principais centros da emigração portuguesa na Europa.»

## Sobre a imprensa popular

1 — A imprensa democrática e popular na emigração manifesta, na sua maioria, o erro de não deixar claramente marcada a sua posição seja em relação às reivindicações fundamentais do nosso povo — a Liberdade, a Paz, o Pão, a Terra e a Independência — seja em questões de extrema importância como: a luta contra o chauvinismo colonial-imperialista, o apoio à cultura popular, o apoio ao movimento de libertação nacional dos povos coloniais, o internacionalismo proletário, o apoio aos países que se libertaram do capitalismo.

2 — Este erro, fruto de concepções erradas no seio do movimento democrático das massas emigradas, manifesta-se seja em desvios direitistas que podem conduzir à liquidação do movimento, seja num esquerdismo que isola perigosamente a vanguarda dos trabalhadores emigrados e abandona as largas massas.

3 — As tendências regionalistas são um sério inimigo da existência de um único jornal dos trabalhadores para toda a emigração. O espírito regionalista sublinha exageradamente o específico dos problemas regionais e «es-

Continua na p. 10

## Concurso do cartaz para os II Jogos Florais

### REGULAMENTO

1. — Com o fim de anunciar e dar o máximo de publicidade aos II Jogos Florais Portugueses na emigração, será editado em breve pelo Movimento dos Trabalhadores Portugueses Emigrados um cartaz, para cuja elaboração se abre um concurso.
2. — O cartaz deverá conter o texto seguinte:
  - II Jogos Florais Portugueses,
  - Concurso de literatura, teatro, cinema, fotografia, pintura, música, ranchos e desporto.
  - Organizado pelo Movimento dos Trabalhadores Portugueses Emigrados (MTPE).
  - 1, 2 e 3 de Junho de 1974
  - Em Paris
  - Para obter informações e regulamento escreve para O Salto - BP.95 - 75522 PARIS CEDEX 11.
3. — O cartaz deverá evidenciar o símbolo do MTPE.
4. — O cartaz deverá apresentar um motivo que leve a identificar facilmente toda a propaganda aos Jogos Florais que a partir deste cartaz se efectue.
5. — Os projectos devem ser apresentados no formato 44x30 cm, podendo recorrer-se a 3 cores além do preto.
6. — Todos os projectos devem dar entrada até ao dia 15 de Setembro de 1973.
7. — Será atribuído o Prémio União dos Trabalhadores Portugueses Emigrados ao cartaz que melhor representar o espírito dos Jogos Florais e que, simultaneamente, patenteie um maior nível artístico e propagandístico.
8. — O Júri deste concurso será nomeado pela Comissão Permanente do MTPE.

## Apareceu «Seara Vermelha»

Uma coincidência que ficará na história do movimento popular português: aos 9 de Junho de 1973 tinham início os I Jogos Florais Portugueses na emigração, aos 9 de Junho de 1973 aparecia o número 1 da revista marxista *Seara Vermelha*.

*Seara Vermelha* é uma publicação bimestral que «procurará aplicar o marxismo à vida política, económica, cultural, artística e científica portuguesa e situá-la no mundo de hoje (...) coloca como seu objectivo bater, nestes campos, a ideologia burguesa, particularmente o revisio-

nismo moderno (...) procurará tornar-se um elo de ligação entre os intelectuais marxistas na luta contra o embrutecimento fascista e a demagogia social-democrata e revisionista (...) sem se deixar cair no ecletismo, é uma tribuna aberta a todos os que abraçam a causa dos explorados (...) é a herdeira de tudo o que de positivo existiu em 'Seara Nova', 'O Diabo' e 'Sol Nascente', retomando as tradições dos intelectuais portugueses que serviram a classe operária (...) é um instrumento ao serviço da classe operária, dirigi-

da também às suas camadas mais avançadas, desejosas de cultura (...) através do escrito, procurará dar a sua contribuição para o avanço da luta da classe operária, para a sua vitória sobre o fascismo, o imperialismo e o colonialismo» (extractos do Editorial intitulado *Semear Ventos Vermelhos Para Recolher Tempestades Revolucionárias*).

O Salto saúda em *Seara Vermelha* uma sua valorosa companheira de armas na luta que ambos travam contra a repressão ideológica feroz exercida pela burguesia fascista sobre os tra-

balhadores e contra a propaganda demagógica dos falsos amigos do povo.

O Salto considera igualmente que o aparecimento de *Seara Vermelha* é um motivo de franco regozijo para todos os trabalhadores portugueses de vanguarda e intelectuais progressistas que a partir de agora terão ao seu dispor mais um instrumento acutilante que, maneado eficazmente, será capaz de produzir golpes profundos na citadela ideológica de todos os sectores da reacção burguesa.

No sumário do primeiro número, que contém 36 páginas além da capa, encontramos o referido editorial, as teses enviadas ao congresso de Aveiro *A Via para a Conquista da Liberdade, da Paz, do Pão, da Terra e da Independência* (M. Ribeiro e J. Gregório) e *Pela Democracia Popular* (jornal O Salto), os artigos *As Maiores Empresas Portuguesas* (L. Gaspar), *A Dupla Desvalorização do Escudo* (A. Vieira), *A Recente Crise Monetária do Mundo Capitalista* (Pequim Informação), *Écos dum Vasta Mistificação* (A. Pinto) *A «Europa Unida»* (A. Soares), *Um Relatório Secreto dos Colonialistas, A Inaplicabilidade das Leis de Mendel em Matéria de Híbridação* (I. V. Mitchurine), *Congresso da Ortografia Albanesa, Há 80 Anos Nasceu V. Maiakovski, Repudiemos a Cultura do Revisionismo Moderno* (A. Romão), *A Degenerescência Burguesa da Literatura e da Arte na Polónia*, o poema *Canto de um Militante* (Djakama) e as críticas de cinema aos filmes *Grande, Grande era a Cidade* (J. Pimentel) e *Sambizanga* (V. Queiroz).

